Vol. 6 Diciembre 1976

Liahona

A Liahona • 29/12 dezembro 1976

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO
Robert D. Hales
O. Leslie Stone
David B. Haight
Howard W. Hunter

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA
Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"
José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

1 **Mensagem da Primeira Presidência: PEQUENOS ATOS DE SERVIÇO,** Presidente Spencer W. Kimball
2 **Mensagem de Natal da Primeira Presidência: "NOVAS DE GRANDE ALEGRIA"**
3 **O SÍMBOLO DE CRISTO,** Élder Gordon B. Hinckley
5 **Diário Mórmon: ELA FOI BATIZADA NA VÉSPERA DE NATAL,** Steven Ray Affleck
UMA BELA ESTRELA PRATEADA, Ivan T. Anderson
6 **"ENTÃO ENCONTRAMOS O CAVALINHO DE BALANÇO",** Derek Dixon
8 **A OUTRA METADE DO MAR,** Lenet H. Read
10 **ELES CONHECERAM O PROFETA**
26 **Perguntas & Respostas:** Kenneth H. Beesley, Richard O. Cowan
28 **A IRMÃ KIMBALL APRECIA SEU CHAMADO DE PROFESSORA VISITANTE,** Gerry Avant
29 **A BIBLIOTECA DA CAPELA: FONTE DE RECURSOS TAMBÉM PARA A FAMÍLIA**
30 **MUDANÇAS EFETUADAS ENTRE AUTORIDADES GERAIS**
33 **REPRESENTANTE REGIONAL DOS DOZE NO BISPADO PRESIDENTE**
34 **PERFIL DE UM LÍDER**
36 **ESTACA SÃO PAULO BRASIL ENVIA CASAL DE MISSIONÁRIOS PARA PORTUGAL**
37 **INAUGURADA CAPELA DO RAMO DE GOIÂNIA**
37 **VENCEDORA DO CONCURSO DE CANÇÕES — ANUNCIADO NOVO CONCURSO MUNDIAL**
SEÇÃO JUVENIL
21 **Enfoque Missionário: QUÃO GRANDE SERÁ SUA ALEGRIA,** Mario G. Echeverri
22 **SEDE FIÉIS,** Élder Rex D. Pinegar
25 **PROBLEMA NA ESTALAGEM,** Dina Donahue
SEÇÃO INFANTIL
13 **BATISMO DE ANIVERSÁRIO**
14 **SURPRESA DE NATAL NA ILHA,** Dolly Hildreth
16 **O REMATE CERTO**
18 **MENSAGEM DE NATAL PARA AS CRIANÇAS DA IGREJA DE TODO O MUNDO**
20 **SÓ PARA DIVERTIR**

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 20,00**; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 2,00; exemplar atrasado: Cr$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — c 1976 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Pequenos Atos de SERVIÇO

Presidente Spencer W. Kimball

Aprendi que é servindo que aprendemos a como servir. Quando estamos empenhados no serviço ao próximo, não só estamos ajudando-os, como passamos a entender melhor nossos próprios problemas. Quando nos preocupamos mais com os outros, sobra menos tempo para nos preocuparmos conosco mesmos. E, em meio ao milagre do servir, existe a promessa de Jesus de que, perdendo-nos, nós nos encontraremos. (Vide Mat. 10:39.)

Não só nos "encontramos" em termos de percepção orientadora em nossa vida, como quanto mais servirmos nossos semelhantes de maneira apropriada, nossa alma vai adquirindo maior substância. Servindo aos outros, tornamo-nos indivíduos mais significativos.

George MacDonald observou que "é amando e não sendo amado que se consegue chegar mais perto da alma de outrem". (*George MacDonald Anthology*, Geoffrey Bles, London, 1970.) Logicamente, todos nós precisamos de ser amados, porém temos que dar e não sempre receber, se quisermos ter plenitude em nossa vida e reforçado senso de propósito.

Temos de ajudar aqueles que procuramos servir a saberem por si mesmos que Deus não apenas os ama, mas está sempre atento a eles e suas necessidades. Certamente não foi uma aparição casual a qualquer ser humano deste planeta, quando Deus, nosso Pai, e seu Filho Jesus Cristo apareceram ao adolescente Joseph Smith, a fim de dar-lhe instruções para toda a humanidade. Antes, diz o Senhor, a aparição deles, precisamente planejada, deu-se porque "...eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre os habitantes da terra, chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos". (D&C 1:17.)

Deus não faz nada por acaso, mas sempre por algum desígnio como pai amoroso. Vós conheceis seu propósito. Nós também temos propósito em nossa vida.

Deus sabe de nós e vela por nós. Mas geralmente é por intermédio de outra pessoa mortal que ele satisfaz nossas necessidades. Por isso, é vital que nos sirvamos uns aos outros no reino. O povo da Igreja necessita da força, apoio e liderança mútuos numa comunidade de crentes como num enclave de discípulos. Em Doutrina & Convênios lemos quão importante é socorrer os fracos, erguer as mãos que pendem e fortalecer os joelhos enfraquecidos. (Vide D&C 81:5.) Tantas vezes nossos atos de serviço consistem de simples incentivo ou ajuda mundana em coisas mundanas, mas como são gloriosas as conseqüências que podem provir de atos mundanos e pequenos feitos, porém intencionais!

À medida que os contrastes entre os caminhos do mundo e os caminhos do Senhor vão-se acentuando pelas circunstâncias, a fé dos membros da Igreja será provada com maior severidade. Uma das coisas mais vitais que podemos fazer é expressar nosso testemunho através do serviço, o que, por sua vez, produzirá crescimento espiritual, maior comprometimento e maior capacidade de guardar os mandamentos.

Há perto de vinte e cinco anos atrás, o Presidente Stephen L. Richards disse algo que considero desafiador:

"A despeito dos aspectos prosaicos e batidos desse assunto, há muito me convenci, meus irmãos, de que a coisa mais desafiante, dramática e vital em nossa vida é esse 'guardar os mandamentos'. Ele testa cada fibra de nosso ser. É uma demonstração simultânea de nossa inteligência, conhecimento, caráter e sabedoria." (*Conference Report*, outubro de 1950.)

Existe uma grande segurança na espiritualidade, e não podemos ter espiritualidade sem serviço!

Entretanto, muitas vezes o que precisamos, à guisa de incentivo para guardar os mandamentos e servir nossos semelhantes, é simplesmente sermos avivados pelo Espírito em nossa memória relativa às coisas que já sabemos, em lugar de recebermos nova inspiração e revelação.

O Espírito Santo desperta nossa memória, bem como nosso entendimento. Então devemos fazer o que já sabemos ser o certo — as coisas simples, as coisas honestas, as coisas específicas. Este é um dos motivos pelos quais nós, santos dos últimos dias, temos que viver dignamente, a fim de merecermos a influência do Espírito Santo e termos sua companhia constante para nos guiar e dirigir. A orientação dele é muito mais importante do que a aprendizagem de técnicas, embora estas possam ser úteis.

Se vós e eu quisermos ser bons líderes, devemos refletir periodicamente sobre as qualidades daqueles

que nos serviram, guiaram e ensinaram. Se fôsseis escolher apenas dois ou três indivíduos que mais influenciaram vossa existência, o que eles fizeram de específico que mais vos ajudou em momentos críticos ou importantes da vida?

Após uns poucos momentos de reflexão, ireis concluir que essa pessoa realmente se importava convosco, que vos deu de seu tempo ou vos ensinou algo de que precisáveis saber. Refleti agora sobre o vosso desempenho, assim como reflito sobre o meu, se estamos ou não incorporando em nosso ministério esses mesmos atributos fundamentais. Remexendo nossas memórias, é pouco provável que alguém seja lembrado como particularmente influente por causa de uma técnica. Na maioria das vezes, alguém nos serviu e ajudou dando-nos amor e compreensão, tomando tempo para nos ajudar e mostrando-nos o caminho pela luz de seu próprio exemplo. Portanto, não posso acentuar suficientemente a importância de fazermos essas mesmas coisas pelos que agora dependem de nós, exatamente como no passado dependíamos de outros para nos servirem por meio de liderança e ensinamento especiais.

"Novas de Grande Alegria"

Desejamos aos nossos queridos companheiros na edificação do reino de Deus na terra e a toda humanidade: Que a alegria dessas boas novas do anjo aos pastores de Belém possa estar convosco neste Natal e nos infindáveis amanhãs futuros.

Que tenhais a alegria de conhecer a realidade da ressurreição para cada um de nós e a oportunidade de vida eterna — tudo através do Príncipe da Paz.

Acima de tudo, desejamos a vós e aos vossos, as bênçãos e perene felicidade advinda da guarda de seus mandamentos. Em verdade, nos dons que Cristo nos deu reside a alegria do mundo!

A Primeira Presidência

O Símbolo de Cristo

Élder Gordon B. Hinckley
do Conselho dos Doze

O símbolo da Igreja do Cristo vivo não é a cruz, mas sim nossa vida cheia de fé.

Em março de 1975, abrimos o Templo de Arizona à visitação pública. Após uma completa renovação do edifício, perto de um quarto de milhão de pessoas admirou seu belo interior. Os clérigos de outras religiões receberam convites especiais para o primeiro dia de visitação, sendo que centenas deles compareceram. Tive o privilégio de falar-lhes e responder às suas perguntas ao final da visita. Disse-lhes que teríamos todo prazer em esclarecer quaisquer dúvidas que poderiam surgir. Muitas perguntas foram feitas. Entre elas, uma vinda de um ministro protestante, que disse:

— Percorri o edifício inteiro deste templo que ostenta o nome de Jesus Cristo, mas em parte alguma vi qualquer representação da cruz, o símbolo do cristianismo. Tenho notado prédios seus em outras partes e igualmente notei a ausência da cruz. Por que é assim, se afirmam acreditar em Jesus Cristo?

Respondi: — Não pretendo ofender nenhum dos meus irmãos cristãos que usam a cruz nas torres de suas catedrais e altares de suas capelas, que a ostentam em suas vestes e imprimem em seus livros e outra literatura. Mas, para nós, a cruz é o símbolo do Cristo morto, enquanto nossa mensagem é a proclamação do Cristo vivo.

Então ele perguntou: — Se não usam a cruz, qual é o símbolo da sua religião?

Repliquei que a vida do nosso povo tem que se tornar a única expressão significativa de nossa fé, e na verdade, portanto, o símbolo do nosso culto.

Espero que ele não me tenha considerado presunçoso ou farisaico por causa dessa resposta. Ele estava certo, observando que não usamos a cruz, com exceção de nossos capelões militares em sua farda, como identificação. À primeira vista, nossa atitude pode parecer um paradoxo de nossa profissão de que Jesus Cristo é a figura-chave da nossa fé. O nome oficial de nossa igreja é: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nós o adoramos como Senhor e Salvador. A Bíblia é nossa Escritura. Cremos que os profetas do Velho Testamento falavam sob inspiração divina quando predisseram a vinda do Messias. Gloriamo-nos nos depoimentos de Mateus, Marcos, Lucas e João a respeito do nascimento, ministério, morte e ressurreição do Filho de Deus, o Unigênito do Pai na carne. Assim como Paulo de outros tempos, não nos envergonhamos do "Evangelho de [Jesus] Cristo, pois é o poder de Deus para salvação." (Rom. 1:16.) E como Pedro, afirmamos que Jesus Cristo é o único nome "dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos". (Vide Atos 4:12.)

O Livro de Mórmon que consideramos como o testamento do Novo Mundo, contendo os ensinamentos de profetas que viveram antigamente neste Hemisfério Ocidental, presta testemunho daquele que nasceu em Belém da Judéia e que morreu no alto do Monte Calvário. Para o mundo vacilante em sua fé, ele é mais outra testemunha poderosa da divindade do Senhor. Em seu prefácio, escrito por um profeta que andou pelas Américas há um milênio e meio, ele declara explicitamente que foi escrito "para convencer ao judeu e ao gentio de que JESUS é o CRISTO, o DEUS TERNO, manifestando-se a todas as nações."

Em Doutrina & Convênios, nosso livro de revelação moderna, ele próprio se apresenta com estas palavras categóricas: "Eu sou Alfa e Ômega, Cristo, o Senhor; sim, sou eu mesmo, o princípio e o fim, o Redentor do mundo." (D&C 19:1.)

À luz de tais declarações, em vista de tal testemunho, muitos poderiam perguntar, como indagou meu amigo ministro na Arizona: Se professam crer em Cristo, por que não usam o símbolo da sua morte, a cruz do Calvário?

Ao que devo responder primeiramente que nenhum membro desta Igreja jamais deve esquecer-se do terrível preço pago por nosso Redentor que entregou sua vida para que todos os homens pudessem viver — a agonia do Getsêmani, o amargo simulacro de seu julgamento, a maldosa coroa de espinhos rasgando-lhe a carne, o clamor sanguinário do povo, Pilatos, o pesado fardo de sua penosa caminhada até o Calvário, a terrível dor quando enormes cravos transpassaram suas mãos e pés, a tortura febril de seu corpo ali dependurado naquele dia trágico, o Filho de Deus clamando: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

Isto foi a cruz, o instrumento de sua tortura, o terrível engenho para destruir o Homem da Paz, a malévola recompensa para seu milagroso trabalho de curar os enfermos, dar visão aos cegos, ressuscitar os mortos. Esta foi a cruz na qual pendeu e morreu no solitário pico do Gólgota.

Isto não podemos nem devemos esquecer, pois ali nosso Salvador e Redentor, o Filho de Deus, se deu a si próprio em sacrifício vicário por causa de cada um de nós. O desânimo, porém, daquela sombria noite antes do sabá judaico, quando seu corpo inanimado foi descido da cruz e apressadamente sepultado numa tumba emprestada, exauriu a esperança até mesmo de seus mais ardentes e sábios discípulos. Estavam desolados, não entendendo o ele lhes dissera antes. O Messias no qual criam estava morto. Fora-se seu Mestre no qual haviam colocado todo seu anseio, fé, esperança. Ele que falara de vida eterna, que levantara Lázaro da sepultura, agora havia morrido tão seguramente como todos os outros homens antes dele. Sua vida sofrida, breve, chegara ao fim. Essa vida que muito antes

havia sido predita por Isaías. Fora "desprezado, e o mais indigno entre os homens, homem de dores e experimentado nos trabalhos...

"... ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele." (Isaías 53: 3,5.) Agora ele havia partido.

Só podemos imaginar os sentimentos dos que o amavam ao ponderarem sua morte durante as longas horas do sabá judaico, o sábado de nosso calendário.

Então raiou o primeiro dia da semana, o Sábado do Senhor como passou a ser conhecido. Às mulheres que foram ao sepulcro, cheias de tristeza, o anjo declarou: "Por que buscais o vivente entre os mortos?" (Lucas 24:5.)

"Ele não está aqui... já ressuscitou, como havia dito." (Mat. 28:6.)

Eis o maior milagre da história humana. Ele lhes dissera anteriormente: "Eu sou a ressurreição e a vida." (João 11:25), porém não o entenderam. Agora sabiam. Ele morrera em miséria, dor e solidão. Agora, no terceiro dia, levantou-se em poder, beleza e vida — as primícias de todos os que dormem, a certeza para os homens de todos os tempos de que "assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (1 Cor. 15:22.)

No Calvário era o Jesus morrendo. Do sepulcro, ele emergiu como o Cristo vivente. A cruz fora o amargo fruto da traição de Judas, o fim da negação de Pedro. Em contraposição, o sepulcro vazio tornou-se o testemunho de sua divindade, a certeza da vida eterna, a resposta para a pergunta de Jó: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14.)

Tendo morrido, ele talvez fosse esquecido ou na melhor das hipóteses lembrado como um entre muitos grandes mestres cujas vidas são condensadas em poucas linhas nos livros de história. Agora, ressuscitando, tornara-se o Mestre da Vida. Agora, como Isaías, seus discípulos podiam cantar com fé segura: "Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz." (Isaías 9:6.)

Cumpridas estavam as palavras expectantes de Jó: "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

"E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.

"Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão; e por isso os meus rins se consomem dentro de mim." (Jó 19:25-27.)

Bem fez Maria exclamando: "Raboni!" (João 20:16) ao avistar o Senhor ressurreto, pois agora ele era mestre de fato, mestre não só da vida, mas da própria morte. Fora-se o aguilhão da morte, quebrado o domínio do sepulcro.

O temeroso Pedro ficou transformado. Até mesmo Tomé, o cético, declarou com sobriedade, reverência e realismo: "Senhor meu, e Deus meu!" (João 20:28.) "Não sejas incrédulo, mas crente" (João 20:27.), foram as inesquecíveis palavras do Senhor naquela maravilhosa ocasião.

Seguiram-se aparições a muitos, incluindo, conforme registra Paulo, "uma vez por mais de quinhentos". (1 Cor. 15:6.)

E aqui no Hemisfério Ocidental havia outras ovelhas das quais falara tempos antes. E o povo ali ouviu "uma voz que parecia vir do céu... e dizia-lhes: Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir.

"... e eis que viram um homem que descia, vestido com uma túnica branca, o qual desceu e se colocou no meio deles...

"E aconteceu que ele estendeu sua mão e assim falou ao povo:

"Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas...

"Levantai-vos e vinde a mim." (3 Néfi 11:3, 6, 8-10, 14.)

Segue-se então neste belo relato muitas palavras do ministério do Senhor ressurreto entre o povo da América antiga.

E finalmente, agora, existem testemunhas modernas, pois ele tornou a vir para dar início a esta dispensação, a dispensação da profetizada plenitude dos tempos. Numa gloriosa visão, ele — o Senhor ressurreto, vivo — e seu Pai, o Deus dos céus, apareceram a um profeta-menino, para novamente iniciar a restauração da antiga verdade. Seguiu-se uma verdadeira "nuvem de testemunhas" (Heb. 12:1), e ele que fora o instrumento escolhido — Joseph Smith, o profeta moderno — declara com palavras sóbrias:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

"Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai —

"Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22-24.)

A ele poderíamos somar o testemunho de milhões que pelo poder do Santo Espírito têm prestado e prestam agora solene testemunho de sua realidade vivente. Testemunho esse que tem sido seu conforto e sua força.

E assim, porque nosso Salvador vive, não usamos o símbolo da sua morte como símbolo de nossa fé. Mas, o que então havemos de usar? Nenhum sinal, nenhuma obra de arte, nenhuma forma representada se presta para expressar a glória e maravilha do Cristo Vivente. Ele nos disse qual deveria ser esse símbolo, quando falou: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos." (João 14:15.)

Como seguidores dele, não podemos fazer coisa alguma vil, ordinária ou desagradável sem deslustrar sua imagem. Tampouco podemos fazer um ato bom, caridoso e generoso sem dar maior brilho ao símbolo daquele cujo nome tomamos sobre nós.

E por isso nossa vida tem de tornar-se uma expressão significativa, o símbolo declarado de nosso testemunho do Cristo Vivente, o Filho Eterno do Deus Vivente.

É tão simples, meus irmãos, e tão profundo, e convém que nunca nos esqueçamos disso.

Diário Mórmon

No coração de todo santo dos últimos dias estão gravadas as experiências cotidianas da vida no Evangelho e afeição ao Senhor. Elas são a história de todos. Compartilhem com outros membros da Igreja as experiências que têm fortalecido seu testemunho: orações atendidas, bênçãos do Sacerdócio, o afeto inspirador de familiares e amigos, as recompensas do trabalho nas auxiliares da Igreja.
Enviem suas histórias a:
Centro Editorial Brasileiro — "A Liahona"
Rua São Tomé, 73 — C.P. 19079 — São Paulo

Ela foi Batizada na Véspera do Natal

Steven Ray Affleck.

Meu companheiro e eu começamos a trabalhar no que chamávamos de programa dos "recém-chegados", isto é, visitando as pessoas que se haviam mudado recentemente para nossa área, a fim de dar-lhes boas-vindas e verificar se poderíamos ensinar-lhes alguma coisa sobre a Igreja. Trabalhando nesse programa, conhecemos uma senhora inglesa e sua família, cujo marido na época encontrava-se no Vietnam. Ela mostrou-se muito interessada em conhecer a Igreja, porém de um ponto de vista estritamente cultural. Conversamos com ela por cerca de cinco semanas, ao fim das quais ela mostrou forte desejo de filiar-se com sua família à Igreja. Entretanto, para isso precisava do consentimento do marido.

Certo dia, pouco antes do Natal, ela me disse:
— Élder Affleck, o melhor presente de Natal que eu poderia ganhar era batizar-me na Igreja e receber o Espírito Santo, e ver minha família batizada.

Nesse mesmo dia, 22 de dezembro, escreveu uma carta ao marido no Vietnam, falando sobre a Igreja e solicitando permissão para batizar-se. À uma hora da madrugada do dia seguinte, recebemos um telefonema dessa senhora. Não conseguia esperar para contar-nos a novidade. Naquela mesma tarde, recebera uma carta do marido, que dizia: "Leslie, encontrei a coisa mais maravilhosa! Significa para mim nesta vida mais que outra coisa qualquer. Um moço do meu pelotão é mórmon e levou-me a uma de suas reniões aqui em Saigon. Eu me filiei à Igreja Mórmon." A seguir; entrava em detalhes sobre como poderia ela entrar em contato com os élderes.

Que maravilhosa bênção essa família recebeu. Ela foi batizada na véspera do Natal.

Relendo meu diário, lembro-me de quão saudoso de casa me senti naquele Natal, mas também quão grato estava por aqueles batismos e pelo Espírito do Senhor que nos governava.

Instructor, junho de 1969, p. 200-201. Steven Ray Affleck escreveu este artigo, enquanto cursava a Universidade Brigham Young, baseado numa sua experiência na Missão dos Grandes Lagos. Ele e sua esposa, Karin Lochhead Affleck, residem em Denver e têm três filhos.

Uma Bela Estrela Prateada

Ivan T. Anderson.

Quando da grande invasão da Alemanha pelas Forças Aliadas, meu batalhão de polícia militar tinha por dever conduzir prisioneiros das linhas de frente para campos de internamento primitivamente instalados.

Jamais me esquecerei do dia 24 de dezembro de 1944 e do prisioneiro de guerra alemão que ajudou a torná-lo memorável.

Era uma noite de frio cortante. Eu estava de serviço, ajudando a guardar mais de mil e duzentos prisioneiros alemães.

Dizer que éramos um punhado de homens com saudades de casa seria uma redundância. E a véspera do Natal só fazia aumentar nossa depressão.

Um da nossa companhia, homem natural das Montanhas Smoky do Tennessee, parou de assoprar as mãos, procurando esquentá-las, para dizer:

— Que Natal mais gelado, miserável! Mas também só por estarmos empatados aqui fora não quer dizer que não podemos fazer nada para melhorar a coisa. Vou procurar uma árvore.

— Ora, esqueça! — gritou outro PM. — Não existe nenhuma árvore por aqui; além disso, não teríamos nada para enfeitá-la.

Não se deixando desanimar, Smoky sumiu na escuridão e mais tarde voltou com uma arvorezinha suja, desgalhada.

— Você chama isto de árvore? — voltou à carga nosso gaiato. — No Texas, a gente passaria por cima com o arado como mato.

Demonstrando uma atitude positiva, Smoky se pôs a decorar a árvore com enfeites improvisados com embalagens de chiclete, papel de chocolate etc.

Vários soldados não postados diretamente junto ao campo, começaram a ajudar nosso zeloso amigo em sua tarefa aparentemente impossível. Enquanto me ocupava assim, de repente ouvi uma voz chamando do cercado.

— Americano, americano.

Voltando-me, vi um prisioneiro alemão acenando para mim, enquanto estendia a outra mão através da cerca de arame farpado. Imediatamente meti um cartucho no meu rifle e aproximei-me com cautela. O que vi em sua mão deixou-me assombrado.

O prisioneiro havia confeccionado uma bela estrela prateada, toda de papel de chiclete — uma verdadeira obra de arte. Depositando a estrela em minha mão, apontou para o topo da árvore.

Esperando que entendesse um pouco de inglês, comentei: — Esta estrela é tão perfeita, você é artista profissional?

Pela sua expressão confusa, era óbvio que sabia tanto inglês quanto eu alemão; assim, peguei sua contribuição e coloquei-a na ponta da árvore.

— Ora, ora! — começou novamente o gaiato. "Odeio admitir, mas até que essa coisa está começando a parecer uma árvore de verdade. Acho que deveria ter calado a boca, não é, Smoky? (Todos os homens concordaram animadamente.)

Depois de enfeitada a árvore, pusemo-nos a cantar músicas de Natal. Notei que diversos prisioneiros nos acompanharam no "Noite Feliz".

As últimas notas ecoavam pela noite, quando ouvi a mesma voz chamando:

— Americano.

Desta vez o prisioneiro estendia ambas as mãos pela cerca de arame. Novamente aproximei-me com cautela, o rifle armado, e mais uma vez fiquei assombrado com o que tinha nas mãos.

O escultor alemão tinha feito detalhadas figuras de José, Maria e do Menino Jesus. Ao entregar-me suas obras, apontou para a parte inferior da árvore. Acenei um agradecimento e cuidadosamente coloquei as delicadas figuras onde ele havia indicado.

Ao depor a pequenina figura do Menino Jesus, feita de um graveto e artisticamente revestida de papel laminado, a luz de nossa fogueira parecia transmitir-lhe um brilho celeste. Pensei em quão longe nos havíamos afastado dos ensinamentos de Jesus, sentindo lágrimas ardendo nos olhos.

Olhando para o cercado, vi que o prisioneiro continuava junto ao arame farpado. Então corri até lá, sorri e apertei-lhe a mão com calor. Devolveu-me o sorriso, revelando à luz das chamas as lágrimas que marejavam seus olhos.

Muitas vezes, desde o fim da II Guerra Mundial, tenho pensado nesse prisioneiro de guerra alemão. Nosso encontro foi breve; éramos como dois barcos que se cruzam durante a noite. No entanto, sinto que aquele homem concordaria que nossa única esperança de uma paz mundial duradoura seria retornarmos aos ensinamentos da pequenina figura tão lindamente modelada naquela gélida noite de dezembro. Uma coisa é certa: Se amamos o Senhor, temos igualmente uma genuína preocupação por toda a humanidade — os dois são sinônimos.

Deseret News, 24 de dezembro de 1970, p. 1. Reproduzido com permissão.
Ivan T. Anderson, funcionário da Base Aérea Hill em Utah, frequentemente imagina o que teria acontecido àquele prisioneiro de guerra alemão. A história foi escrita por sua esposa, Jettie Jacob Anderson, professora de inglês e oratória. O casal tem dois filhos.

"E Então Encontramos o Cavalinho de Balanço..."

Derek Dixon.

A casa estava silenciosa. Minha mulher e três filhas adolescentes haviam saído em busca de barganhas na primeira liqüidação de roupas de fim de ano. Sentado sozinho na confortável poltrona, um livro fechado sobre os joelhos, eu olhava pela janela o gramado coberto de neve, onde quinze dias atrás havíamos encontrado o cavalinho de balanço. Estava recordando aqueles dez dias agitados antes do

Natal quando uma simples resolução tomada numa noite familiar abrira tantos corações, no que parecera uma cidade empedernida.

Tínhamos cantado e orado; e então Wendy comentara do alto de sua sabedoria dos doze anos:

— O Natal não é mais o que costumava ser, não é? Havia uma sensação engraçada por toda a casa; tudo parecia gostoso, aconchegante, seguro, mas agora não consigo senti-la mais.

O resto da família concordou e daí começou a emergir a causa. Os últimos Natais haviam fracassado devido ao excesso de coisas para comer, excesso de televisão, excesso de altercações por causa de ninharias, excesso de noites mal dormidas por deitar tarde e levantar tarde, e excesso de preocupação com o próprio eu.

E parecia que o próximo Natal seria a mesma coisa — um fracasso espiritual e familiar. Os dias passariam, e nós acabaríamos com aquela mesma sensação terrível de vazio e tédio. Não haveria um meio de mudar a atmosfera da época do Natal em nossa casa? Nenhum meio de recuperar o genuíno espírito do Natal?

Fez-se uma pausa no conselho, e então minha mulher começou a contar-nos a respeito de alguns pacientes na escola para crianças mentalmente retardadas, onde ela trabalha várias horas por semana como fisioterapeuta. Falou-nos da privação emocional, de pais indiferentes, da aflitiva pobreza em muitos lares, do ser esquecido porque "elas (as crianças retardadas) só sabem quebrar as coisas, não é?", e de pequenas mãos vazias na época de presentear. . .

Minha mulher propôs que nós, como família, coletássemos brinquedos para aquelas crianças esquecidas da escola. Sua idéia recebeu aprovação unânime. No dia seguinte, começamos a pôr nosso plano em prática. Falamos sobre as crianças aos nossos amigos, pedindo que contribuíssem com qualquer coisinha.

O resultado foram um ou dois olhares inexpressivos e algumas meias promessas — além disso, nada. Fazia pouco tempo que mudáramos para aquela vizinhança e zombáramos dos comentários de que aquela localidade era uma cidade "dura", cheia de gente materialista, empedernida. Agora pareciam-nos mais que verdadeiros.

Desapontado com a falta de colaboração, decidimos que pelo menos nós faríamos alguma coisa; e assim, durante as noites seguintes, depois do jantar, pusemo-nos a fazer caminhas de bonecas de papelão e madeira compensada, que depois eram pintadas com tinta brilhante de cores alegres; minha mulher forneceu pequenos colchões e cobertas. A cozinha começou a parecer uma base de suprimentos em miniatura! Ao todo, conseguimos fabricar seis camas.

Nada ainda dos outros. Continuamos a pedir. Faltavam só seis dias para o Natal.

No quinto dia, encontramos um cavalinho de balanço no gramado nos fundos, reluzente de geada no sol, a crina um pouco estropiada mas triunfante, os olhos acesos à vista do combate, e nos ouvidos o estrondar da luta e brados do capitão. No chão, ao lado dele, uma caixa de papelão cheia de brinquedos diversos. Até hoje seu aparecimento é um mistério para nós. E, no entanto, pareceu um sinal, pois a partir daquele mesmo dia, as pessoas começaram a bater à nossa porta com presentes para as crianças esquecidas da escola.

Um vizinho distante, homem solteiro, solitário e duro que nem chegara a ser convidado a contribuir, atravessou a rua ao encontro de minha mulher e falou bruscamente:

— Olhe aqui, não tenho nada de valor, mas venho guardando pequenos carrinhos de brinquedo em miniatura, que ganho no posto toda vez que compro seis galões de gasolina. Já tenho uns vinte. Bem, ninguém ainda me pediu para ajudar numa coisa assim, por isso gostaria de fazer minha parte agora. Vou levar os carrinhos à sua casa amanhã à noite, e a senhora pode fazer as vezes de Papai Noel por mim.

"Não tenho nada de valor, mas venho guardando uns carrinhos de brinquedo em miniatura. . ."

E virou-se para esconder seu embaraço; mas na noite seguinte, lá estava ele com seus vinte carrinhos.

Tive uma surpresa maior ainda no escritório. Ali havia um moço, criado no escabroso distrito de East End de Londres — sujeito preconceituoso e temperamento irascível, para quem meu empenho de viver minha religião era como uma bandeira vermelha provocando o touro. Mas naquele dia procurou-me, dizendo:

— Você e eu não somos bons amigos — na verdade eu não o ajudaria a chegar até o fim da rua, mesmo que tivesse os dois dedões quebrados; mas aquelas crianças da escola são coisa diferente. Toda vez que fecho os olhos vejo suas carinhas. Estive conversando com Ginny a respeito delas, imaginando como poderíamos ajudar, e decidimos dar o melhor que temos. Nos momentos de folga eu monto e pinto modelos de avião. Nós os penduramos no teto lá de casa e de vez em quando os admiramos; mas além disso não servem para nada, por isso pensamos em dá-los. E que importa se as crianças os quebrarem, enquanto brincam com eles? Uma hora de prazer para uma criança dessas vale a perda de alguns modelos para nós.

Na mesma tarde, apareceu com uma porção de aviões.

Chegando em casa, à noite, minha mulher e filhas contaram experiências semelhantes — de estranhos acanhados e inimigos generosos — e de amigos, também — todos eles assediados por visões das crianças de mãos vazias; nossa sala ficou atulhada com seus presentes.

No dia seguinte, o furgão da escola passou lá por casa, carregou os presentes que foram entregues à diretora para distribuição. E foi tudo. Nenhum dos que colaborou jamais pediu ou recebeu reconhecimento ou agradecimentos. Na escola, só a diretora conhecia a proveniência dos presentes. O resto foi silêncio.

Porém, sentado aqui no crepúsculo depois do Natal, fico imaginando se o espírito que reinou em nossa casa também se fez sentir na dos que contribuíram. Pois nós voltamos a encontrar o verdadeiro espírito do Natal no serviço aos semelhantes. As próprias paredes refletem doçura e tranqüilidade.

E enquanto o dia hibernal chega ao seu fim prematuro e as frias estrelas cintilam no céu e a neve sobre o gramado reflete a luz da minha janela, fico pensando na genuína natureza do universo; pois por meio desse pequeno milagre de Natal, aprendi que todo ato humano se estende pelo universo. Rodas se movem, mecanismos engrenam, balanças eternas são postas em ação, e a terra é modificada pelos pequenos segredos de bondade de nenhuma importância para qualquer historiador terreno.

O Irmão Dixon é presidente do Ramo Brighton, Distrito de Crawley, Missão da Inglaterra-Sul.

A Outra Metade do Dar

Lenet H. Read.

Anos atrás, uma presidente da Sociedade de Socorro notou que, durante seu serviço na Sociedade, ela estava-se tornando menos sensível à sua necessidade do marido. Depois, ela adoeceu gravemente, ficando totalmente dependente dele para quase tudo, inclusive ser alimentada e banhada.

Este incidente exerceu um forte impacto emocional sobre ela. Havia dedicado tanto tempo ao serviço de outros que não era fácil aceitar essa nova posição de dependência, e tê-la-ia evitado, se pudesse. Todavia, agora é grata por ter sido forçada pelas circunstâncias a depender de outros para satisfação de suas necessidades, pois emergiu dele com um profundo e poderoso novo amor a eles.

Tornar-se indiferente à nossa necessidade de outros é um perigo enfrentado por todos nós. Paulo advertiu contra este perigo em sua epístola aos primitivos santos de Corinto. Ensinou que cada membro possui um importante dom que contribui para o bem-estar de todo o corpo da Igreja. Salientou também cuidadosamente que todo membro deveria ver e reconhecer sua necessidade de cada um dos demais membros.

"E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós." (I Cor. 12:21.)

O Senhor tencionou que todos obtivessem um maior laço de amor:

"Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros.

"De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.

"Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular." (I Cor. 12:25-27.) A fim de sermos humilhados e para que os laços de amor sejam mais fortes entre nós, devemos aceitar ambas as experiências — de servir e ser servidos.

Exemplos desses elementos duais são encontrados em todos os aspectos do Evangelho. Encontramo-los nas ordenanças do Sacerdócio — no "ser batizado" e "batizar", no "ser ordenado" e "ordenar". Vemo-los na maneira de difundir o Evangelho pela terra, pois o Senhor determinou deliberada e propositadamente que o Evangelho fosse primeiro levado aos judeus, os quais o administrariam então aos gentios. Nos últimos dias, porém, a seqüência se inverteu. Agora os gentios servem os judeus no tocan-

te às palavras de Cristo, e os judeus têm que ser os recebedores.

Ambos os elementos são encontrados também no relacionamento entre os sexos. Embora muitas responsabilidades sejam compartilhadas igualmente entre eles, cada um tem uma bênção especial necessária ao outro. O Sacerdócio continua arcando com o fardo da responsabilidade final. Toda mulher torna-se humilde, recebendo muitas bênçãos das mãos que portam o Sacerdócio. Não obstante, no plano de Deus o homem também é humilhado, pois somente através da ministração de uma mulher ele é abençoado com a vida, tanto a própria como a de seus descendentes. Poderia haver um plano mais sábio em que ambos, homem e mulher, servem e são servidos do que aquele que concede o Sacerdócio ao primeiro, e a maternidade a esta? E poderia haver meio melhor de fortalecer o amor do que através dos laços de mútua necessidade?

A necessidade é igualmente o âmago de todo genuíno amor a Cristo. Ainda que servir aos outros é necessário para alcançarmos exaltação, não basta, a menos que aceitemos sua expiação.

Sabemos que durante grande parte de sua própria vida, o Salvador cuidou das necessidades alheias. Mas, talvez tenhamos pensado menos nas vezes em que ele se curvou humildemente à administração de outros.

Ele nasceu através de uma mulher mortal, e por ela foi nutrido, embalado e ensinado.

Embora sem pecados, foi batizado por um homem mortal.

Permitiu que outro o ungisse para seu sepultamento.

Cristo aceitou as simples ministrações de outros durante toda sua vida diária. Permaneceu, comeu e dormiu em casas alheias. Até mesmo seu sepulcro foi emprestado. Ele humilhou-se, recebendo muita coisa das mãos de outros, exatamente como se humilhou servindo aos outros.

Um exemplo fundamental disso é encontrado na Última Ceia. Ali Cristo demonstrou belamente o princípio do servir, ao ajoelhar-se e lavar os pés de seus discípulos. Porém, ensinando a servir, ele ensinou também a receber. Pedro, reagindo como nós fazemos freqüentemente, quando alguém procura servir-nos, recuou, dizendo: "Nunca me lavarás os pés."

Ao que Cristo advertiu: "Se eu te não lavar, não tens parte comigo." (João 13:8.)

Temos a solene necessidade de nos curvarmos às administrações do Salvador — e de todos os que nos servem retamente em seu nome.

O desafio é receber o que os outros fazem por nós, com humildade e sincero apreço pelo sacrifício que lhes exigiu. Temos que aprender a receber uma dádiva com respeito igual a nós e ao doador, e acima de tudo, lembrar que toda dádiva provém em última instância do Criador de todas as coisas. Se tanto o doador como o recebedor reconhecerem plenamente esta verdade, o resultado certamente será novas energias de amor — pelos outros seres humanos e pelo nosso Pai comum.

Uma de minhas próprias lições desafiantes no que toca a aprender a receber, ocorreu quando me pediram para servir como professora visitante com uma irmã que havia sofrido um derrame cerebral. Tinha o braço e perna direitos paralisados. Com auxílio de uma bengala e aparelho ortopédico, ela conseguia andar, porém com grande dificuldade em rampas ou lugares irregulares. Tinha ainda dificuldade de falar e ser entendida. E ainda que fosse assombroso o que conseguia fazer, restava muita coisa que lhe era impossível.

A princípio nossa relação pareceu irremediavelmente unilateral. Eu tinha que dirigir sempre o carro, ajudá-la a entrar nele, ampará-la ao subir ou descer escadas. O fardo de dar a mensagem e conversar em todas as casas recaía sobre mim, embora ocasionalmente ela fosse capaz de acrescentar alguma coisa.

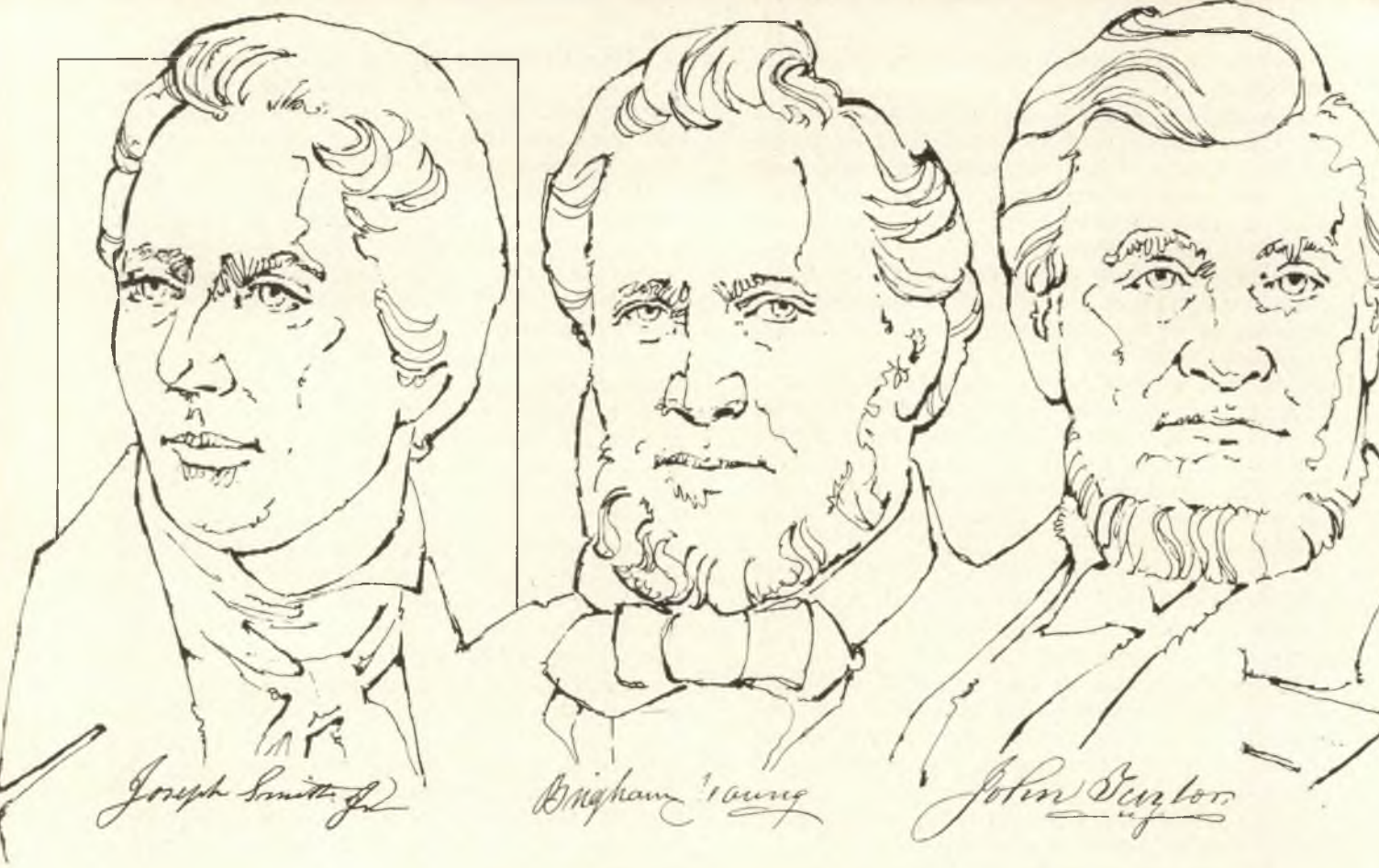
Então aconteceu algo incomum. Devido a um pequeno acidente, a porta do carro do lado do motorista deixou de funcionar. A única maneira de entrar ou sair do assento dianteiro era pela porta do lado do passageiro. Devido a esse caso estranho eu, a forte, tornei-me dependente da mais fraca.

Enquanto eu ficava ali sentada esperando, ela, com apenas o braço esquerdo e a bengala, tinha que lutar desajeitadamente para abrir e fechar a pesada porta em cada casa. Isto era tão consternador, que cheguei a pensar em passar sobre o encosto para a parte de trás para sair. Mas não se provou praticável, de saias. Assim tive que me conformar em deixá-la esforçar-se em prol de nós duas. Todavia, por causa desse estranho dilema, tornamo-nos mais amigas e melhores companheiras. Ela precisava de mim, e agora eu precisava dela. Essa pequena dependência física era apenas uma manifestação das muitas dádivas intangíveis que dela recebi durante nossa convivência. É bem verdade que não era capaz de dizer muita coisa durante as mensagens, ou de fazer qualquer serviço físico por alguma irmã necessitada de nossa lista; entretanto, mais de uma vez ela assumiu a liderança em jejuar e orar por certas irmãs necessitadas de força espiritual.

Quando Malaquias falou em roubar a Deus, estava-se referindo ao pagamento do dízimo. Mas existe outra maneira de roubarmos a Deus. Todo indivíduo digno reflete uma porção da glória de Deus através de algum dom ou bênção. Quando recusamos o que outros têm a nos oferecer, estamos em essência negando a porção da glória de Deus que seus dons ou dádivas refletem. Quando recusamos seus servos, estamos recusando igualmente a ele, seja a bênção oferecida espiritual ou material.

Quão mais sábio seria atentarmos sinceramente para o conselho de Paulo; pensar na Igreja como o corpo de Cristo, considerar cada membro uma parte vital, funcional desse corpo e depois reconhecer seriamente a cada membro: "Cabeça, tenho necessidade de ti. Pés, tenho necessidade de vós. Olhos, necessito de vós. Mãos, vós me sois necessárias. . ."

Lenet Hadley Read, dona de casa e mãe de cinco filhos mudou-se recentemente para Tulsa, Oklahoma.



Eles Conheceram o Profeta

NOTA DO EDITOR: Em dezembro, comemoramos também o aniversário do Profeta Joseph Smith, que nasceu a 23 de dezembro de 1805.

Diversos profetas modernos conheceram Joseph Smith. Uns, como Brigham Young, conheceram-no como amigo, vizinho e mentor. A outros mostrou-se em sonhos e visões, como fez com Wilford Woodruff. E a todos tem dado consolo e inspiração para dirigir os negócios da Igreja de Cristo.

O respeito e assombro com que os outros profetas encararam a Joseph revelam muita coisa a respeito do jovem líder.

Joseph descreveu a si mesmo nestas palavras:

"Sou como uma enorme pedra bruta que vem descendo de uma alta montanha, que vai-se polindo à medida que suas arestas se alisam ao esfregar em alguma coisa, como quando se golpeia fortemente contra a intolerância religiosa, astúcias eclesiásticas, malícias dos advogados, doutores e editores demagogos, de juízes e jurados subornados, e contra a autoridade de executivos perjuros apoiados pelo populacho, por blasfemadores e por homens e mulheres libertinos e corruptos; todo esse corpo infernal arranca uma aresta aqui, outra acolá. E assim, chegarei a ser um dardo polido na aljava do Todo poderoso. . ." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 295-96.)

BRIGHAM YOUNG falava seguidamente de seu grande amor ao Profeta, e morreu pronunciando seu nome. Alguns trechos clássicos de seus discursos revelam o amor e admiração que tinha por Joseph:

"Eu honro e reverencio o nome de Joseph Smith. Deleito-me em ouvi-lo; amo-o. Amo a sua doutrina." (*Journal of Discourses*, vol. 13, p. 216.)

"Quando vi Joseph Smith, ele tomou os céus, falando figuradamente, e os trouxe aqui para a terra; e tomou a terra, elevou-a e desvendou com clareza e simplicidade as coisas de Deus; e esta é a beleza de sua missão." (*JD*, vol. 5, p: 332.)

"Se Jesus vive e é o Salvador do mundo, Joseph Smith é um profeta de Deus e vive no seio de seu pai Abraão. Embora matassem seu corpo, ainda assim ele vive e contempla a face de seu Pai nos céus; e suas vestes são puras como as dos anjos que rodeiam o trono de Deus; e homem algum na terra pode dizer que Jesus vive, e ao mesmo tempo renegar minha asserção a respeito de Joseph Smith." (*JD*, Vol. 1, p. 38.)

JOHN TAYLOR estava presente quando o populacho invadiu o quarto para assassinar o Profeta

na cadeia de Carthage. Embora fosse ferido, sobreviveu, e mais tarde veio a ser o terceiro presidente da Igreja. Conheceu Joseph em vida, testemunhou sua morte e presta um dos mais tocantes tributos ao Profeta:

"Testifico que conheci Joseph Smith durante anos. Viajei com ele; convivi com ele em particular e em público; estive com ele em conselhos de todos os tipos; ouvi centenas de vezes seus ensinamentos públicos, e suas recomendações a amigos e companheiros de caráter mais particular. Estive em sua casa e observei seu comportamento no círculo familiar. Vi-o ser acusado diante dos tribunais de seu país, vi-o ser honrosamente absolvido e liberto do pérfido sopro da calúnia e das maquinações e falsidades de homens ímpios e corruptos. Estive com ele enquanto vivo, e estive com ele quando morreu, quando foi assassinado na cadeia de Carthage por uma turba impiedosa... de rostos enegrecidos [para ocultar sua identidade]. Eu estava lá e também fui ferido; na ocasião, recebi quatro balas de rifle em meu corpo. Eu o conheci, pois, sob estas diversas circunstâncias,e testifico perante Deus, os anjos e os homens, que ele era um homem bom, honrado e virtuoso... que seu caráter particular e público era impecável — e que viveu e morreu como um homem de Deus e cavalheiro. Este é meu testemunho." (*The Gospel Kingdom*, Bookcraft: c. 1943, p. 355.)

WILFORD WOODRUFF esteve com Joseph antes e depois de sua morte. Viajou com ele milhares de quilômetros e muitas vezes servia-lhe de escrivão — foi o Irmão Woodruff quem escreveu a revelação dada através de Joseph Smith a respeito da Guerra Civil. (Vide D&C 87.) No Millennial Star, ele conta o deleitoso e revelador primeiro encontro com o Profeta Joseph:

"Antes de ver Joseph, eu disse que não me importava se era velho ou moço; não me importava sua aparência — se tinha cabelos longos ou curtos; o homem que nos dera aquela revelação era um profeta de Deus. Eu o sabia por mim mesmo. Encontrei Joseph pela primeira vez nas ruas de Kirtland; usava um chapéu surrado e tinha uma pistola na mão, e disse: 'Irmão Woodruff, eu estava lá fora praticando tiro ao alvo, querendo ver se acertava alguma coisa'; e dizia ele: 'Tem alguma objeção?' 'Absolutamente', disse eu, 'não existe nenhuma lei, que eu saiba, contra um homem atirar num alvo.' Convidou-me para sua casa. Tinha uma pele de lobo que queria que eu o ajudasse a curtir; desejava a pele para sentar-se nela, quando dirigia sua companhia de carroções. Ora, muitos poderiam ter dito: 'Que belo profeta! Disparando uma pistola e curtindo pele de lobo.' Bem, nós a curtimos e usamo-la durante uma viagem de mil e quinhentos quilômetros. Assim foi meu primeiro encontro com o Profeta Joseph. E desde esse dia até hoje, com todas as apostasias que temos tido, com todas as dificuldades e aflições por que tivemos que passar, nunca houve um momento em que eu tivesse qualquer dúvida quanto a esta obra. Não fui provado a respeito disso. Enquanto pessoas apostatavam à direita e à esquerda, e embora apóstolos insistissem comigo para que me voltasse contra o Profeta Joseph, não me senti tentado a duvidar desta obra ou de que Joseph Smith era um profeta de Deus." (*Millennial Star*, vol. 53, pp. 627-28.)

Diz o Presidente Woodruff: "Joseph visitou-me uma porção de vezes depois de sua morte e me ensinou princípios importantes." Certa vez, foi visitado por Joseph e Hyrum Smith, quando estava a caminho da Inglaterra num navio e, em suas palavras: "Entre outras coisas, disse-me que obtivesse o espírito de Deus; que todos nós necessitávamos dele." (*Discourses of Wilford Woodruff*, Bookcraft: 1946, p. 288.)

Num discurso feito a 19 de outubro de 1896, dizia o Irmão Woodruff:

"Joseph Smith continuou a visitar-me e a outros durante certo tempo, e depois parou. A última vez que o vi foi no céu. Na visão noturna, vi-o à porta do templo no céu. Veio para junto de mim e falou comigo. Disse que não podia parar para conversar comigo, porque estava apressado... Encontrei meia dúzia de irmãos que tiveram posições na terra e nenhum deles pôde parar para conversar comigo por estarem com pressa. Fiquei muito admirado. Dali a pouco vi o Profeta novamente e tive o privilégio de fazer-lhe uma pergunta.

'Bem,' disse eu, 'gostaria de saber por que está com pressa. Tenho andado apressado a vida inteira, mas esperei que essa pressa acabasse, quando eu chegasse no reino dos céus, se o conseguisse.'

"Joseph respondeu: 'Vou explicar-lhe, Irmão Woodruff. Toda dispensação que teve o Sacerdócio na terra e foi para o reino celestial tem determinado trabalho a fazer a fim de preparar-se para voltar à terra com o Salvador, quando ele lá for reinar. Cada dispensação teve tempo de sobra para fazer esse trabalho. Nós não temos. Somos a última dispensação e há tanto trabalho a fazer; temos que nos apressar para terminá-lo." (*Discourses of Wilford Woodruff*, p. 288-289.)

LORENZO SNOW tinha um íntimo relacionamento pessoal com Joseph Smith e obviamente com-

preendia o chamado do Profeta. Ele retratou Joseph da seguinte maneira:

"Joseph Smith, a quem Deus escolheu para estabelecer esta obra, era pobre, sem instrução e não pertencia a nenhuma conhecida seita cristã. Era um mero garoto, honesto, cheio de integridade, desconhecedor das trapaças, astúcia e sofismas empregados por políticos e religiosos hipócritas para suas próprias finalidades. Como Moisés nos tempos antigos, sentia-se incompetente e sem qualificações para a tarefa — de ocupar a posição extremamente impopular de reformador religioso — de combater opiniões e credos aceitos há séculos, sancionados e apoiados pelos mais versados homens em assuntos teológicos; mas Deus o havia chamado para libertar de sua escravidão espiritual e temporal os pobres e pessoas de coração sincero de todas as nações. E Deus prometeu-lhe que todo aquele que recebesse o batismo para remissão dos pecados, com propósito honesto, teria manifestações divinas — receberia o Espírito Santo — receberia as mesmas bênçãos do Evangelho prometidas e obtidas pelo Evangelho, conforme fora pregado pelos apóstolos antigos; e essa mensagem, essa promessa seria válida aonde e a quem fosse levada pelos élderes que são os mensageiros autorizados de Deus. Assim falou Joseph Smith, o rapaz iletrado, inexperiente, modesto, simples e honesto." (Eliza R. Snow, *Biography and Family* Record of Lorenzo Snow [Deseret News Press: 1884], p. 243.)

UM HOMEM capaz de grande visão da vida de Joseph Smith foi Joseph F. Smith, filho de seu irmão Hyrum, que guardava ainda memórias do Profeta tanto como tio com em seu chamado profético. Sendo ainda criança por ocasião do assassinato do Profeta, ele recorda Joseph assim:

"Conheci o Profeta Joseph Smith quando criança. Na primeira infância, ouvi-o pregar o Evangelho que Deus confiara a seu encargo e cuidado. Como criança eu me sentia tão à vontade em seu lar, com sua família, como sob o teto de meu próprio pai. Conservei o testemunho do Espírito do qual estava imbuído, e que eu recebera de minha santa mãe, a firme convicção de que Joseph Smith era um profeta de Deus; que foi mais inspirado do que qualquer outro homem desta geração ou séculos antes; que foi escolhido por Deus para lançar os alicerces do reino de Deus, bem como da Igreja de Deus; que pelo poder de Deus foi capaz de trazer à luz o registro dos antigos habitantes deste continente, a fim de reviver e revelar ao mundo a doutrina de Jesus Cristo, não só como fora ensinado entre os judeus, na Judéia, mas também como foi ensinado e registrado com mais simplicidade e clareza neste continente, entre os descendentes de Léhi. Como criança foi-me incutido profundamente o pensamento, e em minha alma a firme convicção de que as revelações dadas através de Joseph, o Profeta, contidas no livro de Doutrina & Convênios, eram a palavra de Deus, assim como as palavras dos antigos discípulos, quando testificaram do Pai e do Filho." (Sermon, Salt Lake Assembly Hall, 8 de julho de 1917.)

O fato de ser filho do irmão amado do Profeta obviamente permitiu uma percepção maior de seu caráter amoroso, paternal. Referindo-se ao amor que Joseph Smith tinha pelas crianças, diz ele:

"Um marcante traço de seu caráter era seu amor às crianças. Nunca via uma criança sem querer pegá-la e abençoá-la, e muitas vezes ele abençoou crianças, tomando-as em seus braços e sobre os joelhos. Eu mesmo sentei-me em seu colo. Gostava tanto de crianças, que se afastava longe de seu caminho para falar com um pequenino, o que para mim é uma extraordinária característica da legítima masculinidade. Ele tinha um amor semelhante pela raça humana. Sei e sempre soube desde criança que ele era um profeta de Deus, e cria de todo o coração na sua divina obra e na autenticidade e inspiração das revelações que recebia, e no Livro de Mórmon que veio à luz por meio de sua instrumentalidade." (*Improvement Era*, vol. 21, dezembro de 1917, p. 168.)

BATISMO DE ANIVERSÁRIO

Ilustrado por Ted Henninger

Quando a mãe e as irmãs de Alice decidiram tornar-se membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ela estava apenas com seis anos, muito pequena para ser batizada com o resto da família em Bahnhofstr, Alemanha. Como falavam freqüentemente a respeito da maravilhosa experiência do batismo e da alegria de serem membros da Igreja, Alice mal podia esperar ter oito anos para batizar-se.

Alice planejava e sonhava como seria batizada no seu aniversário.

— Não depois, — insistia ela, — mas no próprio dia.

Todavia, três dias antes de Alice completar oito anos, ela acordou com forte dor de cabeça; no dia seguinte, estava tão mal, que não pôde ir à escola.

Depois de examinada pelo médico, este disse que ela teria de ficar em casa e de cama uma semana, pelo menos.

Os grandes olhos de Alice se encheram de lágrimas de desapontamento.

No dia seguinte, Alice sentia-se pior ainda, e a febre subiu, apesar dos remédios receitados pelo médico. Sua mãe estava preocupada e intrigada, mas Alice se importava mais com o fato de não poder ser batizada no dia do aniversário do que com todo o mal-estar, dores e febre.

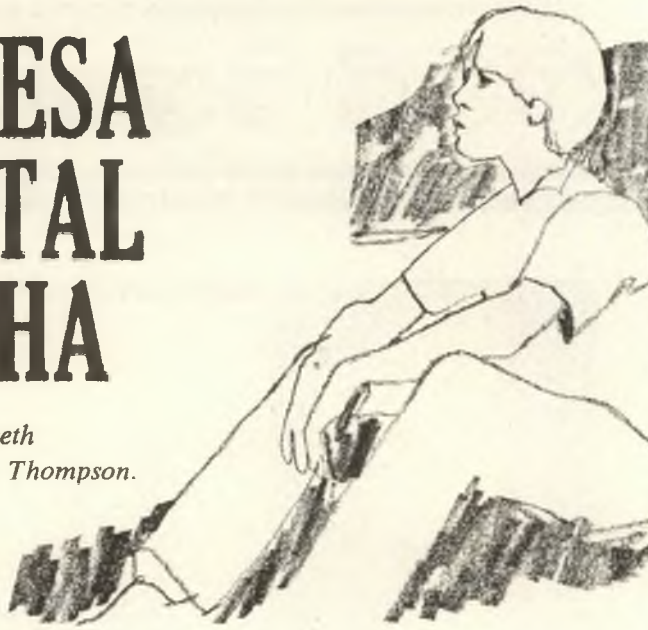
Na tarde anterior ao seu aniversário, a mãe ia entrar no quarto da doente, mas parou na porta, quando viu Alice ajoelhada na cama, orando com todo o fervor. A garotinha estava implorando ao Pai Celestial que lhe satisfizesse o grande desejo de tornar-se membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Na manhã do seu aniversário, Alice se levantou, vestiu-se e se preparou para o batismo. A febre se fora, e ela sentia-se bem e contente.

Horas mais tarde, a mãe voltou a medir sua temperatura — continuava normal.

Deus havia atendido a oração sincera de Alice. E na mesma noite ela foi batizada!

SURPRESA DE NATAL NA ILHA



Dolyy Hildreth
Ilustração de Sherry Thompson.

Sentado na morna areia da praia, Mateus observava a escura coluna de fumaça que subia do avião do correio aéreo acidentado uma hora antes, enquanto tentava aterrar no outro extremo da ilha.

Todo mundo estava contente por nada ter acontecido ao piloto, mas Mateus sabia do desapontamento do pai, vendo a carga toda perdida. É que nessa semana o avião trazia uma carga toda especial — os presentes de Natal de familiares e amigos que viviam longe da pequena ilha na qual o pai de Mateus, um oceanógrafo, estudava correntes oceânicas.

Havia um pacote no avião que deveria ser uma surpresa para os membros do pequeno ramo da Igreja, organizado há somente três meses.

O pai de Mateus era o presidente do ramo e tinha encomendado um Livro de Mórmon para cada família. O menino vira e reparara na expressão triste do pai e sabia que a perda daqueles livros era um grande desapontamento.

Deve haver algo que eu possa fazer para deixar papai novamente alegre, pensou. **Mas o** que se pode fazer, morando numa ilhota do **Pacífico Sul a milhares de quilômetros do continente?** Parecia uma situação sem esperanças, mas Mateus estava decidido a encontrar uma solução. Gostava muito do pai e do povo da ilha, e queria que aquele Natal fosse algo de especial, uma ocasião de se sentir a alegria e o amor do dar e receber presentes.

Mateus ficou muito tempo sentado na praia, na verdade tanto tempo que o sol desapareceu no mar e a lua surgiu no lado oposto, prateando a crista das ondas que vinham arrebentar na praia. Pensando no Natal e em demonstrar amor, de repente soube o que poderia fazer!

Não contou sua idéia a ninguém. Queria fazer uma surpresa só sua. Na manhã seguinte, levantou-se cedinho e foi procurar a única loja existente na ilha.

O Sr. Wilson, dono da loja, também já estava de pé observando o sol nascer. Mateus costumava conversar com o lojista que compreendia a solidão do rapaz. Sabia das saudades que sentia de todos os velhos amigos, especialmente agora que estava chegando o Natal. Às vezes, permitia que Mateus o ajudasse a limpar a loja ou arrumar as prateleiras. Quando o garoto pediu se podia arranjar-lhe algum papel de embrulho, umas caixinhas e um lugarzinho escondido para arrumar presentes de Natal, o Sr. Wilson não fez perguntas indiscretas. Simplesmente levou Mateus até o depósito, apontou para uma pilha de jornais, um monte de caixas e uma mesa espremida entre tambores de óleos, rolos de corda e montões de cocos.

Depois do desjejum, Mateus juntou suas tintas, pincéis, papel de escrever e um lápis vermelho. Então pegou seu Livro de Mórmon da estante e saiu correndo para a loja.

Primeiro estendeu folhas de jornal e se pôs a pintá-las com flocos de neve vermelhos e verdes, sininhos dourados, ramos de azevinho e estrelas de Natal amarelas e azuis. Acima de

cada uma, escreveu em letra de forma: "Feliz Natal".

Descontadas as horas de aula e tarefas, Mateus levou vários dias para decorar o papel de embrulho. A seguir, cortou as folhas de papel branco em quatro, pegou o lápis, abriu o Livro de Mórmon e escreveu com todo o esmero alguma coisa em cada pedaço. Num deles escreveu: "... o Senhor redimiu minha alma... eu vi a glória e estarei eternamente cercado pelos braços de seu amor." (Néfi 1:15.) E assim foi escrevendo em todos os bilhetes um trecho do livro sagrado que levasse paz e amor ao coração de seus amigos da ilha.

Mateus pôs um bilhete em cada caixinha e as embrulhou no papel "de presentes", feito de jornal. Quando tudo estava pronto, já era o dia de Natal. Metendo os pacotinhos todos numa caixa grande, levou-os com esforço até em casa. E só então é que contou aos pais que havia feito um presente para cada família do ramo. Seus sorrisos surpresos mostraram-lhe sua satisfação e curiosidade, mas Mateus ficou contente que não lhe fizeram nenhuma pergunta.

Durante o programa de Natal no ramo, na mesma noite, os olhos de Mateus brilhavam felizes, enquanto o pai lia a história do Natal e falou a respeito de compartilhar amor. Depois, pouco antes de terminar a reunião, anunciou que Mateus tinha um presente de Natal para cada família do ramo.

Houve uma onda de excitação. Todos os membros se deleitaram com o papel de embrulho vivamente colorido. O pai de Mateus, porém, estava ainda mais ansioso que o resto para abrir o pacote e descobrir o que continha. Seus olhos ficaram úmidos e reluzentes ao ler a mensagem de amor escrita na tira de papel.

— Foi uma grande idéia para o Natal, — comentou o pai, enquanto a família fazia uma caminhada pela praia prateada antes de se recolherem. — Como é que você teve essa idéia?

— Bem, — respondeu Mateus, — eu sabia o quanto o senhor queria que o pessoal daqui tivesse os livros que havia encomendado, e fiquei pensando como eu poderia compartilhar o meu com eles. Então veio a idéia de compartilhar simplesmente algumas passagens a respeito do amor. O Sr. Wilson me deixou trabalhar no seu depósito, e assim escrevi as mensagens e fiz os pacotes. Foi muito gostoso.

— Foi uma surpresa gostosa para todos nós, — disse a mãe. — Deu-nos a todos um bom sentimento do verdadeiro espírito do Natal.

O menino parou por um instante, erguendo os olhos para a massa de estrelas faiscantes do firmamento. Não sentia nem mais um pouquinho de saudades.

— Agora, — disse contente — sinto que REALMENTE é Natal.

De repente, foi como se estivesse ouvindo de verdade as palavras do Profeta Alma: "Que a paz de Deus esteja convosco" (Alma 7:27), e os anjos proclamando: "paz na terra, boa vontade para com os homens" (Lucas 2:14), enquanto as ondas batiam mansamente contra a praia.

O REMATE CERTO

Elena ainda tinha muito o que fazer antes do Natal. Tinha que acabar os presentinhos para os pais, sua tia e o irmãozinho. Queria encontrar uma fita de cabelo que combinasse com o vestido vermelho e branco que sua mãe lhe fizera para o Natal. Mas, acima de tudo, Elena pensava nas boas ações que restava fazer para encher o pequeno berço de Natal com talos de feno.

Caminhando para a vila, Elena recordava a emoção daquele Natal há muito tempo, quando o pai fizera para ela o bercinho de Natal. Tinha então seis anos.

— É um costume muito antigo aqui na Hungria, — explicara-lhe. — Todos os anos, durante o Advento [as quatro semanas antes do Natal], as crianças enchem bercinhos de Natal com talos de feno. Um talo para cada boa ação praticada. Se você deixar o berço bem cheio de feno para o Menino Jesus deitar, o Pai Celestial saberá que você ama muito a seu Filho.

— Que lindo costume! — exclamara Elena. Mesmo tendo já doze anos, ainda se sentia emocionada com o pensamento de conseguir encher o bercinho até a borda.

Como sua família fora particularmente abençoada durante o ano, Elena achava que era mais importante que nunca encher bem o bercinho. O pequeno empório do pai tinha prosperado; a tia que morava com eles estava novamente bem de saúde e, o melhor de tudo, ela ganhara mais um irmãozinho.

Quando terminou seu trabalho, Elena foi de casa em casa, para deixar pequenas lembranças, levar saudações ou oferecer-se para ajudar, fazendo pequenas tarefas ou levando algum recado. Todos lhe agradeciam, desejando que seu bercinho de Natal ficasse cheio, mas Elena sentia que devia fazer algo mais.

— Fiz apenas o que costumo fazer todo o Natal, suspirou desanimada, ao se pôr a caminho de casa. **E como Deus foi tão bondoso para nós, justamente este ano, eu queria tanto fazer alguma coisa especial!**

Elena ia andando devagarinho, tentando imaginar o que poderia fazer nessa véspera de Natal que fosse diferente de tudo o que já fizera. Quando chegou na maior casa da vila inteira, ela estacou. **Será que eu poderia fazer algo pelo velho que mora aqui?**, perguntou-se. Então sacudiu os ombros e foi adiante. Todo mundo sabia que o velho era rico e tinha empregados para todos os serviços. Elena nunca havia conversado com ele, mas, às vezes, ao passar pela casa, ele estava na varanda e sempre de cara amarrada. Ouvira comentar na vila que não queria amizade com ninguém.

Como deve ser infeliz, pensou Elena, lembrando-se das próprias bênçãos. Depois de uns poucos passos, ela parou. Em seguida, voltou-se e rumou para o casarão. O coração batia disparado, quando deixou cair a pesada aldrava da porta e ouviu a batida ecoar pela casa. Enquanto aguardava, Elena desejou não ter vindo, mas antes de poder fugir, a porta se abriu com um ruído seco. Um mordomo de expressão severa, baixando o olhar, perguntou secamente: — O que deseja?

— Por favor, eu poderia falar com o senhor que mora aqui? — indagou Elena com voz sumida.

O mordomo hesitou por um momento, depois fez um gesto, mandando que o seguisse. Os dois atravessaram o longo vestíbulo em completo silêncio.

— O Pai Celestial foi bondoso para com minha família este ano, — ela se pôs a falar hesitante, quando foi introduzida numa grande sala de estar. O velho estava sentado diante da lareira acesa, de costas para ela, e não voltou a cabeça enquanto ela falava. Pensando não ter sido ouvida, a menina adiantou-se, contornou a cadeira e se pôs diante dele.

— Estou tentando fazer boas ações pelos outros, — disse, — não apenas para encher de feno meu berço de Natal, como para mostrar minha gratidão. Sei que não há nada que eu possa comprar para o senhor, e seus empregados fazem todo o serviço. Mas pensei... bem, achei que, se gostasse, eu poderia vir conversar com o senhor ou então ler para o senhor de vez em quando. E quando o tempo esquentar, poderíamos dar umas caminhadas juntos.

A princípio, Elena pensou que o velho estivesse fazendo cara de zangado, mas depois viu lágrimas marejando seus pobres olhos cansados. Quando falou, foi com voz gentil.

— — Abençoada sejas, menina, — falou. — Mandando-te aqui, o Pai Celestial foi bom para mim também, este ano. Vou ficar aguardando tuas visitas e obrigado por tua gentileza.

Sorrindo, Elena prometeu ao velho: — Virei no dia depois do Natal.

Mais tarde, naquela noite, Elena contou com cuidado seus talos de feno e os arrumou carinhosamente no bercinho.

— Finalmente parece cheio, — suspirou ao terminar. — Este último talo de boa ação é o remate certo.

Mas, de alguma forma, Elena sabia que na verdade não era o talo extra que fazia o berço parecer tão diferente, mas sim o sentimento de haver feito uma boa ação que realmente não tinha vontade de fazer. O melhor de tudo, Elena tinha arranjado um novo amigo. **Quem sabe**, pensou, **ainda existam outros na vila que precisam de uma amiga.**

MENSAGEM DE NATAL PARA AS CRIANÇAS DA IGREJA DE TODO O MUNDO

A vós, meninos e meninas de toda a parte, enviamos nossas saudações de Natal e sincera bênção, com a esperança de que cada um de vós se dê conta de quão importante é para nosso Pai Celestial e sua obra. Um dos maiores dons que temos para compartilhar com os outros é o conhecimento de que o Filho dele vive e que a sua Igreja foi novamente restaurada na terra.

Sabemos que muitos de vós estais vos preparando para fazer missão quando fordes mais velhos. Esperamos que compreendais que mesmo agora podeis ser missionários entre vossos familiares ou vossos amigos que não são membros da Igreja. Guardando os mandamentos de nosso Pai Celestial e sendo obedientes aos conselhos de vossos pais, outros se verão atraídos à vossa maneira de viver pelo bom exemplo que dais. Podeis também começar agora a aprender os princípios do Evangelho, estudando as Escrituras, freqüentando a Igreja e compartilhando esses princípios com outros.

Muita gente pensa no Natal como época do nascimento de Jesus, lembrando-se de que ele viveu, foi crucificado e depois ressuscitou, a fim de podermos viver novamente como nosso Pai nos céus. Porém, a maioria das pessoas que hoje vivem no mundo, desconhecem que a sua igreja foi restabelecida exatamente conforme era organizada enquanto ele estava aqui na terra.

Pessoas que vivem perto de vós e também em terras distantes precisam saber que o jovem Joseph Smith viu e falou com nosso Pai Celestial e seu Filho, Jesus Cristo. Ser missionário geralmente requer abnegação e às vezes uma espécie de coragem, mas quanta alegria e emoção encontramos ajudando os outros a descobrirem uma forma de viver mais feliz como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Entendei que todo membro da Igreja é um missionário. Entendei, também, a importância das palavras do Rei Benjamim, no Livro de Mórmon: "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus." Oramos que estes dias festivos sejam repletos de regozijo ao vos lembrardes do Salvador e compartilhardes com os outros a certeza de suas bênçãos.

A todos vós, desejamos um feliz Natal, com amor.

Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Marion G. Romney

Só Para Divertir

Brincadeira com Números

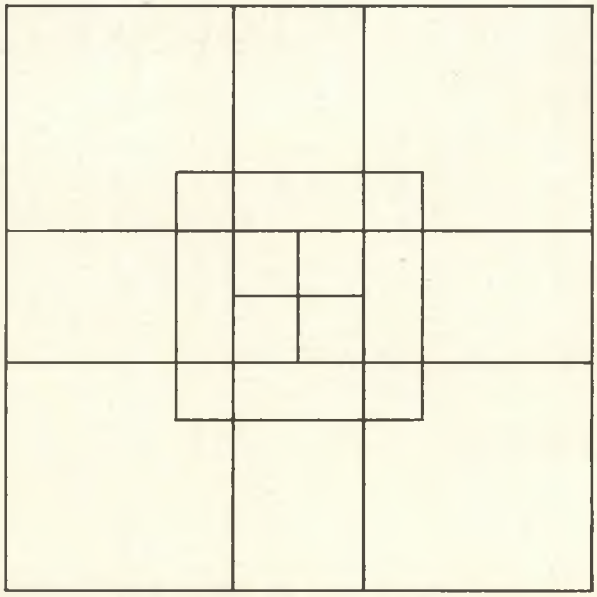
Trevor Holloway

Diga a um de seus amiguinhos que, se ele fizer um cálculo mental, você é capaz de ler seus pensamentos e dar-lhe o resultado certo.

Peça-lhe que pense num número, multiplique-o por dois, depois some 20 ao resultado (ou qualquer outro número **par**). Em seguida, deve dividi-lo por 2 e subtrair o número original. Agora, você é capaz de dizer o número que ele imaginou.

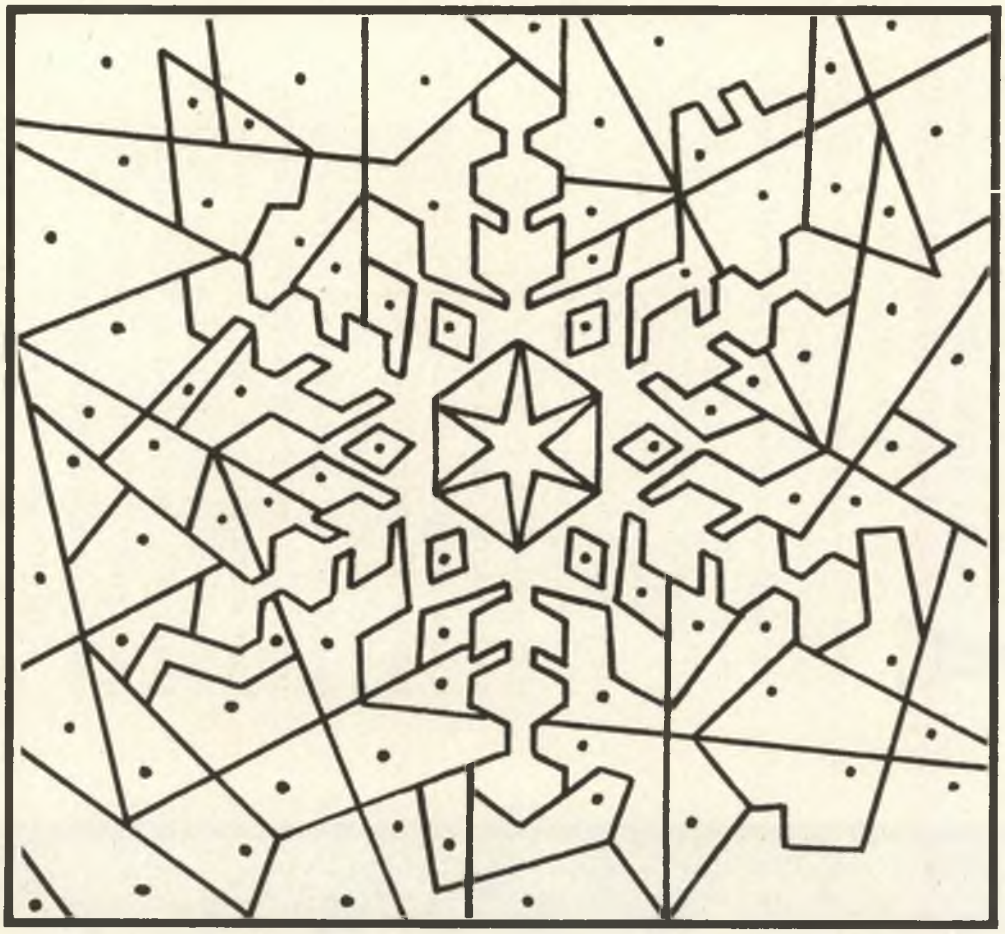
O segredo é que a resposta será sempre a **metade** do número que você mandou **somar.** Por exemplo:

Pense num número	12
Multiplique por 2	24
Some 40	64
Divida por 2	32
Subtraia o número em que pensou (12)	20



Quantos retângulos existem neste diagrama? Cuidado — não é tão simples quanto parece.

Quebra-Cabeças Colorido



Pinte com um lápis de cor azul os espaços com um pontinho, e veja se sabe o nome desse cristal de gelo que cai do céu nas regiões mais frias da terra. Não existem dois exatamente iguais.

QUÃO GRANDE SERÁ SUA ALEGRIA!

Mario G. Echeverri.

Sou natural de uma cidadezinha no leste da Colômbia. Foi lá que conheci a Igreja e fui batizado, e também onde nasceu em mim o desejo de fazer missão. Eu era o único membro da família que aceitara o Evangelho.

Praticamente todas as noites saía com os missionários, a fim de preparar-me para a missão. Quando me perguntavam onde eu gostaria de fazer missão, respondia — Em qualquer lugar, menos na Venezuela. É que naquele tempo as relações entre meu país e a Venezuela andavam muito tensas, e eu sentia pouco amor e apreço pelos venezuelanos.

Passou-se o tempo e acabei sendo entrevistado pelo presidente da missão nesse sentido. E uma de suas perguntas foi:

— Irmão, está disposto a ir para onde o Senhor o chamar? — ao que respondi sem hesitação:

— Sim, presidente. — Então, inclinando-se para a frente, fitou-me bem nos olhos e perguntou:

— E se o Senhor chamá-lo para a Venezuela?

Aí eu soube que o presidente conhecia meus pensamentos, mas após uns segundos, pude responder-lhe que eu iria para onde quer que o Senhor me mandasse; intimamente, porém, eu ainda achava não poder aceitar aquela gente.

Finalmente, chegou o dia em que o carteiro entregou um grande envelope, e dentro dele estava o meu chamado... para servir na Missão da Venezuela.

Naquela noite, ajoelhado, implorei ao Senhor que não me mandasse para aquele país e, depois de falar-lhe durante algum tempo, eu disse que precisava da sua ajuda. Levantando, acendi a luz e comecei a folhear Doutrina & Convênios. Parei na seção 53 e ali encontrei a resposta do Senhor: "Eis... que ouvi as tuas orações; e tu me pediste que te fosse dado saber, pelo Senhor teu Deus, concernente ao teu chamado...

"Toma sobre ti a minha ordenação, a de um élder, para, de acordo com a minha palavra, pregares a fé, o arrependimento, a remissão dos pecados e o recebimento do Espírito Santo pela imposição das mãos;

"E também para seres um agente para esta igreja no lugar que for designado pelo bispo...

"E novamente, eu quisera que aprendesses que somente é salvo aquele que resiste até o fim." (D&C 53:1,3-4,7.)

Fechando o livro, ajoelhei-me novamente, desta vez em espírito de humildade. As lágrimas queimavam-me as faces, e em minha oração pedi ao Senhor que me perdoasse por eu querer dizer-lhe o que fazer.

Quando parti para a Venezuela, dessa vez de camisa branca e gravata, lembrei-me de um de meus hinos prediletos:

"Talvez, da dúvida e do mal.

Eu venha a resgatar,

Amados filhos do Bom Pastor,

Que esperam o meu chamar." (**Hinos**, n.º 57, "Talvez não seja ao alto mar.")

Conheci muita gente que precisava ser salva — pessoas que hoje já foram ao templo, são líderes da Igreja na Venezuela e outros que agora também são missionários. Tive que lutar por eles contra Satanás que não queria vê-los na Igreja, e aprendi a amá-los de todo o coração.

Recebi do povo venezuelano muito amor e grande satisfação, e agora sei porque fui mandado para aquela parte da vinha.

Minha maior bênção recebi-a pouco depois de ser desobrigado como missionário, quando vi minha própria mãe entrar nas águas do batismo.

Conheço a alegria prometida pelo Senhor àqueles que trazem outros para o seu reino. Sei que esta é a obra de Jesus Cristo, porque tenho sentido sua orientação. Sei que temos a responsabilidade de levar a mensagem da restauração aos milhões que estão esperando, e que a melhor maneira de fazê-lo é servir uma missão de tempo integral. Em nome de Jesus Cristo, Amém.

O Irmão Echeverri é supervisor dos seminários e institutos em Caracas, Venezuela.

Sede Fiéis

Élder Rex D. Pinegar
do Primeiro Quorum dos Setenta
Ilustrado por Ed Holmes

Numa quente, abafada tarde de maio de 1895, dois missionários subiam as colinas rochosas, ainda que densamente arborizadas, perto de Smithville, no Tennessee. Repelidos pelo povo das cidades, saíram a buscar conversos entre os montanheses que ali viviam em fazendolas de terrenos escarpados, pouco produtivos. Viajando a pé, sem bolsa nem alforje, os élderes confiavam no Espírito do Senhor e na hospitalidade do povo para sua sobrevivência.

Ao cair da noite, os missionários chegaram na humilde cabana de meu avô, Harvey Anderson Pinegar e sua jovem esposa e filhos. Tendo comparecido a uma reunião para ouvi-los pregar, oferecera-lhes comida e pousada para a noite, aceitos prontamente e com gratidão. Harvey e seus familiares repartiram sua comida, cama e abrigo com os élderes. As três crianças foram dormir no sótão, colocou enxergões de palha num canto do chão para si mesmo, e os élderes dormiram na única cama da casa. E naquele humilde lar nas montanhas, os élderes ensinaram à família de meu avô o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo.

Meu avô escreveu em seu diário:

"Investiguei a doutrina deles e convenci-me de que pertenciam à única igreja verdadeira sobre a terra. Assim, no dia 14 de maio de 1895... minha mulher e eu fomos batizados pelo Élder Owen M. Sanderson, no arroio Sink, não muito acima do Moinho Jones, no 7º Distrito do Condado de Dekalb, Tennessee, o que causou grande insatisfação entre meus parentes; contudo, eu fui em frente e fiz a vontade de meu Pai Celestial. Sabia que a doutrina era de Deus e não do homem."

Cerca de cem pessoas testemunharam o batismo de Harvey e Josie Pinegar.

A "religião mórmon" encontrou forte oposição entre o povo do local. A alegria de Harvey ao tornar-se membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não encontrou eco entre seu irmão, irmãs, pais e vizinhos. Logo percebeu que teria de enfrentar forte oposição entre seus familiares e na comunidade. Naquela época, ele servia como guarda-civil e assim que souberam de seu batismo, os homens que se cotizavam para pagar seu salário, retiraram seu apoio — sendo que entre estes estava seu próprio primo.

Várias vezes a cabana de Harvey Pinegar serviu de refúgio para os missionários. Os élderes costumavam então ajudar vovô a colocar trancas nas janelas e portas como proteção contra a turba que ameaçava cobri-los de alcatrão e penas.

Quatro anos depois de meu avô filiar-se à Igreja, meu pai, então um garoto de oito anos, acompanhou sua família e os membros de mais outras duas famílias a um serviço batismal. Vovô ia batizar sua filhinha e as filhas de um vizinho naquele frio 3 de dezembro de 1899. Indo para o rio junto ao Moinho Reynold, foram abordados por três homens a cavalo. Quando estes perguntaram aonde iam, vovô revelou seu intento. O líder ameaçou trazer uma turba para atacá-los, se realizassem o serviço batismal. Meu avô respondeu que ele e as vinte pessoas que o acompanhavam pretendiam realizar seu intento independentemente do que ele e seus companheiros fizessem, e continuou sua marcha para o Moinho Reynold.

Lá chegando, escolheram um local isolado para o batismo. A colina acima do rio era coberta de árvores, chaparreiro e hera. Meu pai, o pequeno John, estava trepado num tronco caído sobre um banco de areia que avançava no rio preguiçoso. Dali podia observar cada detalhe da sagrada ordenança. Vovô entrou no rio até encontrar um ponto de profundidade adequada e depois retornou à margem para a oração. Na quietude durante a prece, John ouviu o estalo de um graveto. Abrindo os olhos, relanceou o olhar encosta acima e então viu os homens que haviam--nos abordado antes. Vinham acompanhados de um grupo de arruaceiros para cumprir sua ameaça. Um deles estava junto a um monte de pedras, pronto para apedrejar os participantes do serviço batismal. Subitamente todos os olhos se abriram diante da investida de um cão enorme, pertencente ao líder do populacho, até chegar a poucos passos de meu pai. O menino John fitava amedrontado o cachorro que rosnava ameaçadoramente. Aqueles sujeitos e seus asseclas estavam realmente decididos a impedirem os

A família Pinegar por volta da época do incidente no Moinho Reynold. O homem sentado à extrema direita é Harvey Anderson Pinegar. A senhora de pé atrás dele é Josie Pinegar, e o garoto à sua direita, John Pinegar.

batismos. Vovô Pinegar corajosamente prosseguiu em sua tarefa.

Convencidos agora de que aquelas famílias mórmons não ligavam para as ameaças, o líder mandou o cão atacar Vovô Pinegar. Então aconteceu uma coisa assombrosa. O cão soltou um uivo surdo, com os pelos do dorso enriçando-se como os de um porco selvagem, quando irritado. De repente, mostrando os dentes, saltou à garganta do dono que foi ao chão. O resto da turba se dispersou correndo, quando viu o cão virar-se contra o próprio dono. Tão logo conseguiu safar-se do cachorro, o líder saiu correndo atrás dos companheiros, com o cão latindo perto dos calcanhares.

Era um milagre! A família Pinegar e seus vizinhos deram graças ao Senhor pelo socorro, e o serviço batismal prosseguiu sem mais interrupções.

Na mesma noite, as famílias voltaram à casa de meu avô. Depois que as trevas da noite caíram sobre a cabana da montanha, os arruaceiros tornaram a aparecer, e mais uma vez ameaçaram atacar vovô e seus amigos mórmons. Ao ser provocado por eles do portão, meu avô ordenou-lhes que se fossem em nome de Jesus Cristo. A turba partiu e não mais voltou.

Esta experiência que nos foi contada repetidamente por meu pai e avô, tem servido como uma fonte de força para os membros da família Pinegar desde aí. Ensinou-me a apreciar a lealdade de vovô ao Senhor e deu-me certeza de que a retidão há de prevalecer contra todos os entraves e oposições.

A coragem de meu avô e dos que com ele defenderam firmemente o que era justo, trouxe-lhes o auxílio do Senhor. O coração deles encheu-se de uma força calma, pacífica, dando-lhes capacidade para enfrentar a oposição com coragem e confiança. Em minha própria existência tem havido ocasiões em que a memória desse incidente na vida de meu avô deu-me forças para resistir às persuasões do maligno.

Sou grato pela lealdade e fé possuída por meu avô. Sua bravura criou uma herança de amor e fé no Senhor. Os sacrifícios feitos por ele e outros antepassados meus, possibilitaram as muitas bênçãos da liberdade civil e religiosa que usufruo hoje. Quero demonstrar minha lealdade ao meu avô sendo igualmente fiel ao Senhor.

Nós podemos provar nossa fidelidade ao Senhor, sendo obedientes aos pais, respeitando nossos irmãos, seguindo os líderes da Igreja e cumprindo nossos chamados na Igreja e responsabilidades sacerdotais. Lealdade ou fidelidade inclui obediência às leis do país e aos mandamentos de Deus. Lealdade para com nosso empregador ou nossos empregados, demonstrada pelo desempenho diligente de nossas tarefas e pagamento de um salário honesto, faz parte de nossa fidelidade ao Senhor, pois o que fizermos aos outros, estaremos fazendo a ele. Significa defender o que é certo, quando os companheiros querem persuadir-nos a agir errado. Pode significar permanecer sozinho na defesa da verdade e justiça.

Estudando a vida de seus familiares, talvez encontrem exemplos semelhantes de lealdade ao nosso Pai Celestial que lhes sirvam de fonte de energia e coragem.

Possamos todos nós sentir gratidão pela rica herança recebida de nossos antepassados fiéis, e procurarmos ser verdadeiramente leais a essas nobres almas, sendo fiéis ao Senhor.

PROBLEMA NA ESTALAGEM

Dina Donahue

Há anos, sempre que se fala em espetáculos de Natal numa pequena cidade do Meio-oeste, é quase certo alguém mencionar o nome de Wallace Purling. Seu desempenho numa das apresentações anuais da história da natividade tornou-se legendário. Mas o pessoal da velha guarda que assistiu àquele espetáculo, nunca se cansa de recordar exatamente o que aconteceu.

Wally tinha então nove anos e freqüentava o segundo ano primário, embora já devesse estar no quarto. Quase todo mundo na cidade sabia de suas dificuldades em acompanhar os estudos. Era um garoto grandalhão e desajeitado, lento de movimentos e raciocínio. Ainda assim, Wally era bem aceito entre os colegas de classe, todos bastante menores que ele, embora não fosse nada fácil para os meninos esconderem sua irritação quando Wally pedia para participar de um jogo de bola ou outra atividade qualquer em que importava vencer.

Geralmente achavam um jeito de deixá-lo de fora, mas Wally, mesmo assim, ficava por perto — não amuado, apenas esperançoso. Era sempre prestativo, um garoto bem disposto e sorridente, paradoxalmente o protetor natural dos fracos e judiados. Quando os garotos maiores procuravam afastar os pequenos, era sempre Wally quem intercedia: — Não poderiam ficar? Eles não amolam.

Wally sonhava em ser um dos pastores com uma flauta no espetáculo de Natal daquele ano, mas a diretora da peça, Senhorita Lambard, deu-lhe um papel mais importante. Afinal, as falas do dono da estalagem eram curtas, pensou, e o tamanho de Wally tornaria sua recusa de alojar José bem mais impressiva.

E assim aconteceu acorrer a costumeira audiência numerosa para o espetáculo apresentado anualmente pelas crianças, recordando o nascimento de Jesus — com os inevitáveis cajados de pastor, longas barbas, coroas, auréolas, etc. Ninguém no palco ou fora dele se sentia mais arrebatado pela magia daquela noite do que Wally. Contou-se depois que ficou nos bastidores observando o desenrolar da peça com tal embevecimento, que a Senhorita Lambard de vez em quando tinha que cuidar para que não entrasse no palco antes da sua deixa.

Então chegou o momento em que apareceu José, levando Maria lenta e delicadamente até a porta da estalagem. José bateu com força na porta de madeira encaixada no cenário dos fundos. Ali estava Wally, à espera.

— O que deseja? — indagou Wally, abrindo a porta com gesto brusco.

— Queremos pousada.

— Vá procurar noutra parte. — Wally olhava firme para a frente, mas falou com tom decidido. — A estalagem está lotada.

— Mas, senhor, temos procurado por toda a parte, em vão. Viemos de muito longe e estamos cansados da viagem.

— Não há lugar para vocês na estalagem, — repetiu Wally, com adequada atitude de severidade.

— Por favor, bom homem, esta é minha mulher, Maria. Ela está para ter um bebê e precisa descansar. O senhor deve ter algum cantinho para nós. Ela está tão fraca.

Então, pela primeira vez, o estalajadeiro abandonou sua atitude rígida e olhou para Maria. Com isso, houve uma longa pausa, longa bastante para deixar a audiência um tanto tensa de embaraço.

— Não! Vão embora! — soprou o ponto lá dos bastidores.

— Não! — repetiu Wally automaticamente. — Vão embora!

José tristemente enlaçou os ombros de Maria, e esta descansou a cabeça no ombro do marido; e os dois começaram a afastar-se lentamente. Mas o estalajadeiro não voltou para dentro como deveria. Wally ficou ali na porta, observando o pobre casal, com a boca aberta, o cenho franzido de preocupação, os olhos visivelmente marejados de lágrimas.

E então, de repente, o espetáculo de Natal tomou um rumo diferente de todos os demais.

— Não se vá, José, — chamou Wally. — Traga Maria aqui, vocês podem ficar com o meu quarto.

E o rosto de Wallace Purling iluminou-se com um sorriso radiante.

Algumas pessoas acharam que a peça ficou estragada. No entanto, outros — muitos, muitos outros — acharam que de todos os espetáculos a que haviam assistido, aquele foi o que melhor transmitiu o espírito do Natal.

Reproduzido com permissão do **Guideposts Magazine**, copyright, 1966, de Guideposts Associates Inc., Carmel, Nova York 10512.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Kenneth H. Beesley
Comissário-adjunto para Faculdades e Escolas do Sistema Educacional da Igreja.

Questões de interesse geral a respeito do Evangelho respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamentos oficiais da Igreja.
"É preciso a gente desistir da própria cultura, quando se filia à Igreja?" Resposta: Irmão Beesley

Esta não é uma questão nova. Foi levantada em diversas ocasiões na época do Novo Testamento, quando o Evangelho foi levado aos gentios. Também nesta dispensação, os santos dos primeiros tempos da Igreja enfrentaram coisa semelhante, quando o Evangelho foi levado aos índios americanos, e o trabalho missionário se expandiu para a Inglaterra, Europa e Pacífico. Se é preciso a gente desistir da própria cultura ao ingressar na Igreja, é uma questão que vem sobressaindo ultimamente, à medida que a congregação se torna mais internacional e é chamado maior número de missionários locais.

Antes de podermos responder a essa pergunta, é importante distinguir entre *princípios do Evangelho* e costumes, tradições e hábitos locais. Temos que reconhecer que filiar-se à Igreja deve ser um comprometimento total; e quando costumes ou tradições anteriores entram em conflito com os princípios do Evangelho, então é preciso nos adaptarmos. Isto se aplica igualmente a um chofer de caminhão na Cidade do

Richard O. Cowan
Professor de História e Doutrina da Igreja na Universidade Brigham Young.

"Se Cristo nasceu na primavera, por que celebramos o Natal em dezembro?"

Primeiro recapitulemos como sabemos que o Salvador nasceu em abril (Primavera no hemisfério norte. N. do T.) Segundo ordenado por revelação, a Igreja foi organizada no dia 6 de abril de 1830 (uma terça-feira), que era "mil oitocentos e trinta anos depois da vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo na carne." (D&C 20:1.) Por isso, quando marcamos todos os anos sessões da conferência geral da Igreja para 6 de abril, não estamos apenas comemorando o aniversário da organização da Igreja, mas igualmente o nascimento do Senhor.

O Livro de Mórmon presta testemunho semelhante. Os nefitas datavam seu calendário a partir do nascimento de Cristo. (Vide 3 Néfi 2:8.) Assim, pois, o sinal da crucificação de Cristo foi dado "no ano trigésimo quarto, no dia quatro do primeiro mês". (3 Néfi 8:5.) Isto significa que a vida mortal de Cristo durou quase que exatamente trinta e três anos e, portanto, seu nascimento e crucificação ocorreram praticamente na mesma estação do ano, isto é, no início da primavera, pois o Novo Testamento diz que Cristo foi crucificado na época da Páscoa dos judeus, a qual cai nesta parte do ano.

Os estudiosos da Bíblia em geral concordam que Jesus não nasceu no inverno (do hemisfério norte. N. do T.)

"Não poderia... ter sido em janeiro ou dezembro, visto que nessa época os rebanhos não são encontrados em campo aberto durante a noite... Ademais, o recenseamento que provocou a viagem, não teria sido ordenado nessa época." [1]

Pois bem, então por que celebramos o Natal em dezembro? Quando os primeiros missionários foram

Lago Salgado, como ao condutor de camelo no Extremo Oriente.

Embora não seja necessário abandonarmos nossa cultura, quando entramos para a Igreja, existem certas coisas mundanas que precisam ser abandonadas. Em Doutrina & Convênios (121:35), é-nos dito que muitos não são escolhidos "porque seus corações estão tão fixos nas coisas deste mundo e aspiram tanto às honras dos homens, que não aprendem esta única lição —

"Que os direitos do Sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados, a não ser pelo princípio da retidão."

Lembremo-nos de que, nos dias de Cristo, dizia-se aos recém convertidos: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus." (Efé. 2:19)

Isto implica unidade espiritual e submissão aos princípios do Evangelho. Não implica uniformidade de idioma, vestuário, dieta, política ou preferências nos esportes. Porém, enquanto conservamos nossos respectivos costumes e cultura, tornamo-nos também membros de uma só família quando assumimos o nome de Cristo através do batismo.

Recentemente, o Presidente Kimball salientou que, ao expandirmos nosso empenho em levar o Evangelho a toda nação, tribo, língua e povo, temos que entender suas diferenças culturais e procurar transpô-las, construindo "pontes".

Em resumo, pois, quando alguém se filia à Igreja *não* lhe é requerido que desista de sua própria cultura, porém não nos devemos esquecer do que disse o Senhor: "E assim também mandei ao mundo o meu eterno convênio, para ser uma luz para o mundo, para ser um padrão para o meu povo, para que os gentios o procurassem e para que seja um mensageiro diante de minha face e prepare o caminho diante de mim." (D&C 45:9.)

---

levar o cristianismo aos povos do norte europeu, o Papa Gregório (A.D. 590-604) instruiu-os: "Lembrem-se de não interferir em qualquer crença tradicional ou comemoração religiosa que possa ser harmonizada com o cristianismo." [2] Tais instruções abriram a porta para a introdução de numerosas idéias e práticas pagãs no cristianismo. A comemoração do Natal fornece diversos exemplos.

O dia 25 de dezembro era a data do festival do solstício de inverno dos europeus setentrionais. Havia a terrível superstição que à medida que os dias de outono vão encurtando, o sol poderia eventualmente desaparecer por completo debaixo do horizonte e nunca mais voltar. Todos os anos, a chegada do solstício de inverno dispersava esse temor, e o povo regozijava-se com o fato de que o sol voltaria a aquecer as terras do norte. Os primeiros missionários cristãos decidiram ligar essa importante celebração pagã com o nascimento de Cristo.

"A árvore de Natal substituiu os sagrados carvalhos e outras árvores usadas no culto pagão... Os cristão primitivos adotaram as coníferas como símbolo do Cristo eterno, em lugar das árvores que perdiam sua folhagem no inverno e que eram usadas nos rituais pagãos. As luzes verdes, douradas e vermelhas que os pagãos usavam em suas árvores para convencer o deus-sol a voltar, foram re-interpretadas, passando a representar o incenso, ouro e mirra que os magos levaram a Jesus." [3]

Assim, em nossa celebração do Natal, conservamos muitos "costumes seculares freqüentemente de origem pagã". [4]

Alguns poderiam indagar se estamos errados; celebrando o Natal em dezembro. Na verdade, deveríamos pensar no Senhor e sua missão durante o ano inteiro — incluindo 25 de dezembro. Talvez nossa preocupação maior devesse ser como, em lugar de quando comemoramos o nascimento do Salvador. Numa mensagem de Natal, a Primeira Presidência nos recomendou:

"... possa o verdadeiro espírito do Natal estar em cada um de nós nesta temporada. Possamos ajudar a inverter a tendência de grosseira comercialização do Natal, reunindo nossos familiares em torno de nós e lendo e refletindo sobre a maravilhosa história do seu nascimento. Possamos demonstrar nosso amor aos outros, não só com atenciosos presentes e mensagens, mas também com provas de afeto e bondade. Possamos demonstrar nosso amor a Deus, adorando-o em espírito e verdade, e obedecendo a seus mandamentos." [5]

Familiares nossos têm procurado recordar Cristo mais adequadamente e compartilhar o verdadeiro espírito natalino com outros, representando os acontecimentos ligados ao nascimento de Jesus, conforme estão descritos nos primeiros capítulos de Mateus e Lucas. Temos também realizado uma noite familiar especial, lendo a história do Natal na Bíblia e cantando músicas de Natal.

1. Cyclopedia of Biblica, Theological and Ecclesiastical Literature (New York: Harper Brothers, 1872), p. 877.
2. Citação de T. Edgar Lyon, apostasy to Restoration, Melchizedek Priesthood manual, 1960, p. 218.
3. Ibid.
4. Encyclopedia Britannica, 1973 edition, 5: 704-5
5. Church News, 18 de dezembro de 1971, p. 3.

Camilla Eyring Kimball aprecia seu chamado como professora visitante simplesmente porque gosta de conversar com as pessoas e ama aqueles com quem conversa.

"Quando era menina," conta ela, "as vizinhas costumavam aparecer lá em casa para conversar. Algumas ficavam o dia inteiro trabalhando num acolchoado ou algum outro projeto. Era um meio de a gente se conhecer melhor. Sinto falta dessa oportunidade agora. Acho que hoje em dia não nos visitamos o bastante.

"É por isso que aprecio particularmente a oportunidade de servir como professora visitante."

Há mais de cinqüenta anos, a Irmã Kimball vem marcando suas visitas de professora visitante nos intervalos da "apertada" programação do marido, o Presidente Spencer W. Kimball. Ela acha que uma viagem com o Presidente Kimball à Europa, América do Sul, Ásia ou através do continente não a isenta de sua responsabilidade como professora visitante.

"Sinto que o trabalho das professoras visitantes é uma das mais importantes e valiosas atividades da Igreja," diz ela. "Penso nele como um guarda-chuva resguardando todos os membros da Igreja no mundo inteiro.

"Tenho encontrado muitas oportunidades de conversar com irmãs da Sociedade de Socorro em muitos países. Tenho-as visto visitar o lar de membros da ala em duplas, levando uma mensagem espiritual e depois conversando com as mulheres, a fim de verificar o ambiente reinante no lar e se há alguma necessidade."

Observou que em muitas regiões, existem grandes necessidades materiais que as professoras visitantes podem ajudar a remediar. Na maioria das áreas visitadas, ela não observou reais necessidades físicas, disse, mas quase sempre existe alguma necessidade emocional ou espiritual. "Às vezes uma mulher precisa de apenas desabafar o coração com outra mulher," comenta a Irmã Kimball.

"Se considerarmos o âmbito mundial desse trabalho, em todo lugar em que a Igreja está organizada, ele nos torna uma só família. Ele dá grande realismo à irmandade das mulheres da Igreja."

A Irmã Kimball

Aprecia seu Chamado de Professora Visitante

Gerry Avant,
da equipe de redatores do *church news*

"Recordando meus mais de cinqüenta anos como professora visitante, considero esse serviço uma das melhores experiências de minhas atividades na Igreja. Sinto isso com toda sinceridade."

Uma das recompensas dessa experiência, diz ela, é a oportunidade de criar uma amizade íntima com suas companheiras. A atual companheira da Irmã Kimball é a Irmã Erma Frandsen.

"Penso que aprender a relacionarmo-nos mutuamente e aprender a nos apreciarmos e compreendermos bem é parte da finalidade da vida."

Disse ainda que é lamentável quando certas mulheres não participam ativamente da Sociedade de Socorro. "Tendo certeza de que qualquer mulher que conhecer seu programa, achá-lo-á uma atividade muito satisfatória.

"Acho que um diploma universitário nos dá grande satisfação, mas não o considero sempre sinal de pessoa educada. A Sociedade de Socorro pode ajudar a mulher a continuar se instruindo."

A Irmã Kimball, que também foi professora de Viver Espiritual durante quinze anos em sua ala, disse sentir que a Sociedade de Socorro talvez possa ajudar a mulher a cumprir seu propósito na terra melhor que qualquer outra organização.

"Dá oportunidade de auto-expressão à mulher. Além de aprender, ela tem oportunidade de dar. Não consigo imaginar alguma necessidade que a Sociedade de Socorro não possa satisfazer ou algum tipo de ajuda que não possa prestar."

Diz a Irmã Kimball que no caso dela, o serviço de professora visitante é parte do processo de aprendizagem. "Em minha opinião, é para isso que estamos aqui," acrescenta. "Não podemos ser salvos em ignorância, particularmente na ignorância do Evangelho e de nossas responsabilidades. A Sociedade de Socorro dá ênfase às nossas responsabilidades para com a família e nós mesmas.

"Penso que a meta de todo o programa da Sociedade de Socorro é ensinar-nos a sermos uma boa esposa, boa mãe, boa sogra e boa avó.

"Também, toda mulher tem que aprender a ser uma companheira agradável para si mesma. A educação é um processo mutável e progressivo — as necessidades da mulher quando jovem dizem respeito a certas áreas; à medida que vamos envelhecendo nossas necessidades mudam bastante."

Diz a Irmã Kimball que uma forma de ser uma melhor professora visitante é ser uma pessoa melhor. "Devemos amar nossos semelhantes como a nós mesmos. Se não sentirmos auto-estima, então não seremos capazes de ser boas para com nossa vizinha; só seremos capazes de amá-la tanto quanto amamos a nós mesmas, e isto não será muito se estamos desgostosas conosco o tempo todo.

"É importante que aprendamos isto. Existe uma diferença entre sermos egoístas e estarmos modestamente satisfeitas com nosso progresso. Temos que reconhecer que às vezes não estamos fazendo tudo ou com a perfeição que deveríamos, mas precisamos ter a intenção de a cada dia sermos um pouco melhor que no dia anterior."

A Biblioteca da Capela:

Fonte de Recursos também para a Família

"O propósito da biblioteca da capela e sua equipe é proporcionar material e equipamento didático, bem como pessoal treinado com a finalidade de ajudar os líderes, professores, *famílias e membros, individualmente*, no ensino e aprendizado do Evangelho." (Manual da Biblioteca da Capela, p. 1; grifo nosso.)

Quando se organizou em 1968 o programa de Biblioteca da Capela, a Primeira Presidência determinou que em cada capela se estabelecesse uma biblioteca para fornecer materiais e equipamentos didáticos a todas as organizações que fizessem uso do prédio.

Um dos pontos que não ficou bem entendido em muitas unidades da Igreja é que "todas as organizações que fizessem uso do prédio" inclui igualmente todas as famílias e indivíduos pertencentes à ala ou ramo — o membro ou chefe de família que deseja estudar o Evangelho ou enriquecer suas apresentações da noite familiar, bem como o professor que precisa de material para ajudá-lo em sua pesquisa e trabalho de classe.

Assim, pois, a biblioteca da capela não é apenas uma fonte de recursos para os professores, mas sim um lugar em que qualquer membro da ala ou ramo pode encontrar informações para fins de estudo e ensino.

Você melhorará consideravelmente a qualidade de seu ensino, usando gravuras e filmes apropriados, além de livros e outros materiais impressos. Nas bibliotecas da capela existem muitas coisas que os pais podem usar. Como por exemplo:

Gravuras e cartazes.

Mapas, diagramas e gráficos.

Flanelógrafos e respectivas figuras.

Revistas e artigos selecionados.

Manuais e livros de lições.

Projetores de filmes, "slides", filmes estáticos, retro-projetores e telas de projeção.

"Slides", transparências para retro-projetor, filmes de 16mm, filmes estáticos, fitas gravadas e discos.

Gravadores cassete e de rolo, fonógrafos, microfones etc.

Partituras.

Manuais de escotismo.

Modelos, reproduções e outros objetos.

Cavaletes.

Além destes materiais, algumas bibliotecas dispõem de uma limitada seleção de livros, incluindo obras sobre relações familiares, armazenamento doméstico, administração do tempo, como ensinar genealogia, escrever história pessoal, falar em público etc. Todos esses materiais podem ser emprestados a famílias ou indivíduos, por determinado período de tempo.

Grande parte dos bibliotecários dispõe também de equipamento de produção, tal como guilhotinas para cortar papel, e mimeógrafos que não podem ser retirados da biblioteca, mas usados no local com assistência do pessoal da biblioteca. Em certas áreas, a biblioteca dispõe também de material genealógico de consulta, inclusive de microfilmes e leitores de microfilmes para uso da família na biblioteca.

Obviamente, nem toda biblioteca da capela dispõe de todos os materiais e equipamentos acima enumerados — tudo depende dos recursos disponíveis em cada área da Igreja. Porém, a noite familiar difere em quase toda casa, e as famílias são incentivadas a usarem de imaginação e criatividade, para tirar o máximo proveito dos materiais existentes na biblioteca. É provável que toda biblioteca possua materiais aproveitáveis nas atividades de ensino e aprendizagem.

A noite familiar, naturalmente, não é a única ocasião para se usar materiais de biblioteca. Você poderá usá-los igualmente em serões e reuniões especiais. Se você for um mestre familiar, poderia ocasionalmente usar gravações ou filmes estáticos em mensagens especiais que prepara para as "suas" famílias. Vocês, setentas, poderão usar os filmes no trabalho missionário. Os escoteiros freqüentemente consultam manuais de escotismo. As crianças poderiam retirar livros ilustrados para leitura livre a respeito de assuntos do Evangelho. E quando você for designado para fazer um discurso ,certamente apreciará a biblioteca da capela com fonte de consulta para preparar-se.

Em algumas bibliotecas nas quais os líderes da ala se empenharam particularmente em servir as famílias e indivíduos, bem como as organizações do Sacerdócio e auxiliares, é surpreendente a quantidade e variedade de materiais e equipamentos disponíveis.

Os interessados em usar a biblioteca da capela de sua unidade devem aproveitar a exposição realizada em cada biblioteca no início do ano curricular. Nessa oportunidade, os membros podem familiarizar-se com os materiais e serviços existentes, como também aprender a manejar os equipamentos que podem ser cedidos por empréstimo.

O bom funcionamento de uma biblioteca da capela se baseia no princípio do servir. A única razão de sua existência é servir as organizações do Sacerdócio e auxiliares, e a vocês, membros da ala ou ramo na qual se localiza. E isto proporcionando um lugar centralizado para armazenagem e distribuição de materiais, equipamentos e outros auxílios didáticos.

Esses recursos estão ali para seu proveito; podem ser de particular importância para os pais que desejam aprimorar a qualidade do ensino do Evangelho dentro do lar.

MUDANÇAS EFETUADAS ENTRE AUTORIDADES GERAIS

Os Assistentes, Conselho e Quorum dos Setentas São Reorganizados

Uma importante reorganização entre as Autoridades Gerais foi anunciada em primeiro de Outubro, durante a sessão matutina de 6ª feira, na 146ª Conferência Geral, semi-anual, com a indicação de 4 novas Autoridades Gerais, e mais 27 outras.

A Primeira Presidência, ao fazer os anúncios, disse que tal reorganização iria simplificar e tornar mais efetiva a administração dos programas da Igreja, entre os seus 3,6 milhões de membros espalhados por 88 países.

As mudanças irão também intensificar a supervisão e treinamento de mais de 25.000 missionários, além de promover um melhor preparo dos conversos (cujo número é sempre crescente), para assumir papéis de liderança em sua própria área geográfica.

Foi ressaltado que o total de membros da Igreja em todo o mundo, quase quadruplicou nos últimos 30 anos. Em 1947, havia somente 1 milhão de membros, enquanto que agora temos 3,6 milhões. Concomitantemente, a porcentagem de membros frequentando as Reuniões Sacramentais, que era de 19% em 1940, cresceu para 41% em 1975, o que representa um pouco mais que o dobro.

As mudanças incluem:

1. A reorganização do 1º Conselho dos Setenta, com 5 novos membros. Os recém-apoiados presidentes do 1º Conselho dos Setenta, são: Élderes Franklin D. Richards, James E. Faust, J. Thomas Fyans, A. Theodore Tuttle, Neal A. Maxwell, Marion D. Hanks, e Paul H. Dunn. Élder Tuttle e Élder Dunn continuam como membros do 1º Conselho dos Setenta; os outros 5 serviam antes como Assistentes dos Doze.

2. Os outros 16 Assistentes do Conselho dos Doze foram apoiados como membros do 1º Quorum dos Setenta. São eles: Élderes Alma Sonne, Sterling W. Sill, Henry D. Taylor, Alvin R. Dyer, Theodore M. Burton, Bernard P. Brockbank, James A. Cullimore, Joseph Anderson, William H. Bennett, John H. Vandenberg, Robert L. Simpson, O. Leslie Stone, W. Grant Bangerter, Robert D. Hales, Adney Y. Komatsu, e Joseph B. Wirthlin.

3. Os Élderes S. Dilworth Young, Hartman Rector Jr., Loren C. Dunn, Rex D. Pinegar, e Gene R. Cook, que serviam antes como membros do 1º Conselho dos Setenta, continuarão como Autoridades Gerais, servindo como membros do 1º Quorum dos Setenta.

4. Vaughn J. Featherstone foi desobrigado da sua posição de 2º Conselheiro no Bispado Presidente, e foi apoiado membro do 1º Quorum dos Setenta. Ele também foi designado presidente da Missão San Antonio Texas.

5. Três outros foram apoiados como novas Autoridades Gerais, membros do 1º Quorum dos Setenta. Eles são: Dean L. Larsen, diretor e editor das revistas da Igreja; Royden G. Derrick, industrial de Salt Lake City, que continuará a servir também como presidente da Missão Dublin Irlanda; e Robert E. Wells, diretor do Departamento Central de Compras da Igreja.

6. J. Richard Clarke, de Boise, Idaho, foi apoiado segundo conselheiro do Bispado Presidente, substituindo Élder Featherstone.

Com a adição dos antigos Assistentes dos Doze, o 1º Quorum dos Setenta tem agora 39 membros, incluindo o 1º Conselho dos Setenta.

Inicialmente organizado em 28 de Fevereiro de 1835, o 1º Quorum dos Setenta, com sete de seus membros escolhidos para presidir o quorum do 1º Conselho dos Setenta, deveria assistir os 12 Apóstolos na pregação do Evangelho, e na regulamentação da Igreja.

Mais tarde, outros quoruns de Setentas foram organizados, sendo seu trabalho dirigido pelos 7 presidentes do 1º Conselho dos Setenta.

Durante o êxodo para Utah, no tempo dos pioneiros, membros do 1º Quorum dos Setenta foram designados como líderes de outros quoruns. Subsequentemente, o 1º Quorum foi aos poucos se dissolvendo.

As necessidades da Igreja (em plena expansão) têm crescido nos últimos anos. Há um ano, o Presidente Spencer W. Kimball anunciou que o 1º Quorum dos Setenta seria organizado novamente, e seria expandido de maneira ordenada, conforme surgisse a necessidade.

Três membros do quorum foram apoiados em Outubro de 1975, e mais 4 em Abril de 1976.

Dez membros do 1º Quorum dos Setenta e do 1.º Conselho dos Setenta estão ora servindo como supervisores de área, residindo fora dos Estados Unidos, a fim de dar atenção direta às necessidades de suas áreas.

São eles: Élder James E. Faust e Élder A. Theodore Tuttle na América do Sul; J. Thomas Fyans no México e América Central; Bernard P. Brockbank na Grã-Bretanha; Robert L. Simpson na Austrália e Nova Zelândia; Adney Y. Komatsu no Japão e Coréia; Joseph B. Wirthlin e Charles A. Didier na Europa; e Jacob de Jager no Sudeste Asiático.

Além desses, 6 membros do 1º Quorum estão servindo como presidentes de missão. São eles: Loren C. Dunn na Austrália; Gene R. Cook no Uruguai; William R. Bradford no Chile; George P. Lee no Arizona; Melvin Russell Ballard Jr., em Toronto, no Canadá; e Élder Featherstone no Texas.

Há, presentemente, 58 Autoridades Gerais servindo em tempo integral.

Seguem-se agora as biografias dos 7 membros do 1º Conselho dos Setenta, e dos 4 novos membros do 1º Quorum dos Setenta.

O Élder Richards, Assistente dos Doze desde 1960, é diretor administrativo do Departamento do Sacerdócio de Melquisedeque.

Serviu durante mais de 17 anos como procurador na Administração Federal de Habitação dos Estados Unidos.

O Presidente Harry S. Truman indicou-o para comissário daquela organização em 1947, posição que ocupou por 5 anos. Ao deixar tal posto, trabalhou no ramo de hipotecas bancárias em diversas das maiores cidades americanas. Ao ser chamado para ser Assistente dos Doze, em 6 Outubro de 1960, estava presidindo a Missão dos Estados do Noroeste, com sede em Portland, Oregon, Estados Unidos.

Sua esposa é Helen Kearnes de Salt Lake City, com quem ele se casou no Templo da mesma cidade, em primeiro de Agosto de 1923. O casal tem 2 filhos e 2 filhas.

O Élder Faust foi chamado como Assistente dos Doze em Outubro de 1972. Serviu como diretor administrativo da AIM, do Sacerdócio de Melquisedeque até ser designado como Supervisor de Área, em 3 de Maio de 1975 e já está residindo no Brasil há mais de um ano. O Élder Faust fêz missão no Brasil. Ele foi chamado como Representante Regional dos Doze, em Dezembro de 1968, quando se encontrava servindo como Conselheiro na Estaca Big Cottonwood, em Salt Lake City. Também já serviu na junta de diretores da Companhia de Publicações Deseret News. Ele e sua esposa, Ruth Wright, são pais de 5 filhos.

Élder Fyans, chamado como Assistente dos Doze em abril de 1974, serviu como diretor administrativo do Departamento de Comunicações Internas da Igreja, desde 1972 até ser designado supervisor de área, em 3 de Maio de 1975. O Élder Fyans reside no México, onde supervisiona as atividades da Igreja nesse país, e na América Central. Ele serviu como missionário nas comunidades de língua espanhola do México, e do sudoeste dos Estados Unidos e mais tarde presidiu a Missão Uruguai durante 4 anos. Também serviu como Representante Regional dos Doze na América do Sul.

Élder Fyans foi o coordenador dos preparativos para as Conferências Gerais de Área na Inglaterra, México, Alemanha, Suécia, Brasil, e Argentina. Ele e sua esposa, Helen Cook, têm 5 filhos.

Élder A. Theodore Tuttle, membro do 1º Conselho dos Setenta, foi chamado para essa posição em abril de 1958. Sua profissão é a de educador, servindo como supervisor dos Seminários e Institutos de Religião. O Élder Tuttle serviu como presidente das missões na América do Sul, com sede no Uruguai, de 1961 a 1965. Em outubro de 1975, foi designado supervisor da área oeste da América do Sul. Ele é casado com Marne Whitaker. O casal tem 7 filhos.

Élder Maxwell, Assistente dos Doze desde abril de 1974, tem sido diretor administrativo do Departamento de Correlação da Igreja, desde dezembro do ano passado. Ele foi Comissário de Educação da Igreja, de agosto de 1970 até abril de 1976. Antes disso, havia servido como vice-presidente executivo

da Universidade de Utah. Também serviu como vice-presidente do planejamento e interesses públicos, reitor, assistente do presidente, e professor assistente de ciências políticas na Universidade de Utah.

Também serviu como Representante Regional dos Doze na região de Tremonton, Utah. É casado com Colleen Hinckley, com quem tem 4 filhos.

Élder Hanks foi nomeado Assistente dos Doze, durante a conferência de abril, em 1968, e tem servido como diretor associado do Departamento do Sacerdócio de Melquisedeque. Ele foi designado para o 1.º Conselho dos Setenta, em 1953, e é diretor administrativo da Associação de Estudantes SUD. Foi designado presidente do Comitê dos Jovens e dos Jovens Adultos em 1970. Serviu por vários anos como membro do United States President's Citizen's Advisory Committee on Youlth Fitness e atualmente serve no President's Council for Physical Filmes and Sports. Ele também participou de numerosas conferências na Casa Branca sobre a juventude e sobre as crianças. Ele e sua esposa, Maxine Christensen, têm 4 filhas e um filho.

Élder Dunn foi chamado para o Conselho dos Setenta durante a conferência de abril, em 1964, quando era então um setenta na Ala Downey 3, na Estaca Huntington Beach (na Califórnia). Foi designado coordenador dos Institutos de Religião na Califórnia meridional em 1962, a fim de supervisionar 9 institutos de tempo integral, com aproximadamente 25 mil alunos provenientes de Fresno, Califórnia, perto da fronteira com o México. Ingressou no sistema educacional da Igreja como professor de Seminário, em 1952. Em 1972, foi agraciado com o título de "Pai do Ano" pela Associação Cívica dos Rapazes de Utah, e recebeu o mesmo título em 1973 pela Associação Cívica dos Rapazes dos Estados Unidos. Em 1975, foi citado como um dos 7 maiores ex-atletas dos Estados Unidos, pela Associação Nacional de Treinadores Universitários.

Ele e sua esposa, Jeanne Alice Cheverton, possuem 3 filhas.

Bispo Featherstone estava servindo como presidente da Estaca Boise Norte (Idaho), ao ser chamado para 2º conselheiro do Bispo Presidente Victor L. Brown, em abril de 1972. Ele foi nomeado para o Comitê Missionário em 1966, e se tornou membro da Junta Geral dos Rapazes da AIM em 1967. Ele também serviu como presidente de missão de Estaca, conselheiro de Bispo, e sumo conselheiro. Foi nomeado "Pai do Ano" em 1974, pela Associação Cívica dos Rapazes dos Estados Unidos.

Ele é casado com Merlene Miner. O casal tem 7 filhos.

Élder Larsen, diretor-editor das Revistas da Igreja, tem ocupado essa posição desde fevereiro de 1976. Antes disso, havia sido coordenador de planejamento do curriculum da Igreja, posição essa, ocupada em maio de 1972.

Élder Larsen também serviu na Junta Geral da AMM-Rapazes, e como membro do Comitê Missionário do Sacerdócio. Serviu como presidente da Missão Texas Sul, de 1967 a 1970, e foi coordenador assistente do Seminário para Índios. Foi também bispo, sumo conselheiro, e Representante Regional dos Doze.

Élder Derrick preside a Missão Irlanda Dublin, cargo para o qual foi chamado no mês passado. Já foi também presidente da Missão Inglaterra Leeds, servindo em tal posição desde 1973. Também serviu na presidência geral da Escola Dominical. O Élder Derrick foi presidente e gerente administrativo da Western Steel Company, e de diversas companhias subsidiárias. Foi ainda presidente da Junta de Regentes da Universidade de Utah, diretor da Associação Nacional de Fabricantes, e tem assumido outras posições proeminentes nas organizações comerciais de Utah. Ele e sua esposa, Allie Olson, têm 4 filhos.

Fotos pela ordem: Élder Featherstone, Élder Larsen, Élder Derrick, Élder Wells

Élder Wells foi chamado como presidente de missão em 1968. Também serviu como Representante Regional dos Doze. Em fevereiro de 1974, foi chamado a chefiar o Departamento Central de Compras, posição que ocupou até o presente. Foi executivo de um banco na América do Sul por 18 anos. Serviu como presidente de Ramo no Uruguai e na Argentina, e como presidente de Distrito na Argentina e no Paraguai. Ele e sua esposa, Helen Walser, têm 7 filhos.

Reconstituição do Primeiro Quorum dos Setenta

Em 1941, 5 sumos sacerdotes foram chamados para dar assistência aos Doze Apóstolos em seu trabalho, cumprindo um papel bem similar ao que tinham dentro do 1.° Quorum dos Setenta, o que naturalmente foi especificado através de revelações. O alcance e exigências do trabalho naquela época, não justificavam a reconstituição do 1.° Quorum dos Setenta. Nos anos subsequentes, mais Assistentes foram chamados, e hoje há 21 servindo.

A partir do ano passado, outros Irmãos (não pertencentes ao 1.° Conselho dos Setenta), foram chamados ao 1.° Quorum dos Setenta, e atualmente há 14 nesse quorum, incluindo o 1.° Conselho.

Desde que as funções e responsabilidades dos Assistentes dos Doze, e dos Setenta são similares, e desde que o rápido crescimento mundial da Igreja requer uma consolidação de suas funções administrativas em nível de autoridade geral, a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze Apóstolos, com o apoio dos Assistentes dos Doze e do 1.° Quorum dos Setenta, sentiram-se inspirados a:

1. Chamar todos os Assistentes dos Doze para o 1.° Quorum dos Setenta;
2. Chamar 4 novos membros para esse mesmo quorum;
3. Reestruturar o 1.° Conselho dos Setenta.

Pode-se notar nessas mudanças, as quais são especificadas na lista lida pelo Presidente Tanner, que o número total de membros do primeiro Quorum dos Setenta subiu para 39, proporcionando assim um melhor meio para o encaminhamento dos assuntos pertinentes ao quorum.

Com essa mudança, os 3 quoruns governantes da Igreja (definidos por revelação), os quais são: a Primeira Presidência, o Quorum dos Doze Apóstolos, e o 1.° Quorum dos Setenta, estão em seus devidos lugares como revelados pelo Senhor. Isso tornará possível dirigir com mais eficiência a grande carga de trabalho a ser feito atualmente e permitirá que nos preparemos para a crescente expansão e aceleração do trabalho, com vistas ao dia em que o Senhor voltará para tomar a direção da sua Igreja e do seu Reino.

Primeiro Conselho dos Setenta

Franklin D. Richards
James E. Faust
J. Thomas Fyans
A. Theodore Tuttle
Neal A. Maxwell
Marion D. Hanks
Paul H. Dunn

Primeiro Quorum dos Setenta

Alma Sonne
Sterling W. Sill
Henry D. Taylor
Alvin R. Dyer
Theodore M. Burton
Bernard P. Brockbank
James A. Cullimore
Joseph Anderson
William H. Bennett
John H. Vandenberg
Robert L. Simpson
O. Leslie Stone
W. Grant Bangerter
Robert D. Hales
Adney Y. Komatsu
Joseph B. Wirthlin
S. Dilworth Young
Hartman Rector Jr.
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Gene R. Cook
Charles A. Didier
William R. Bradford
George P. Lee
Carlos E. Asay
M. Russell Ballard, Jr.
John H. Groberg
Jacob de Jager
Vaughn J. Featherstone
Dean L. Larsen
Royden G. Derrick
Robert E. Wells

Representante Regional dos Doze no Bispado Presidente

O Bispo J. Richard Clarke, um Representante Regional dos Doze, foi apoiado como o novo 2.° conselheiro do Bispado Presidente, na sessão da conferência, na manhã de primeiro de outubro.

Ele substitui o Bispo Vaughn J. Featherstone, que foi chamado como membro do 1.° Quorum dos Setenta. O Bispo Featherstone servia como 2.° conselheiro do Bispado Presidente, desde abril de 1972.

O Bispo Clarke servia como Representante Regional dos Doze, desde abril de 1974.

Ele foi presidente da Estaca Meridian Idaho, de 1972 a 1974. Antes disso, havia servido como 1.° conselheiro da Estaca Boise Norte. Foi Bispo da Ala Boise 19 (Idaho), pertencente à Estaca Meridian Boise Norte, de 1965 a 1970 e foi presidente da missão da Estaca Boise Oeste, de 1962 a 1965.

Nascido em Rexburg, Idaho, formou-se na Universidade de Brigham Young, em 1952, como bacharel em ciências. Ele e sua esposa, Barbara Jean Reed, são pais de 8 filhos.

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE JOSÉ GONZALES LOPES

Presidente da Estaca Santos Brasil

por José B. Puerta

Há apenas alguns anos atrás, as unidades que compõem hoje a Estaca São Paulo Sul e a Estaca Santos Brasil, eram, no pensamento da liderança da Estaca São Paulo Leste, presidida pelo então Presidente Hélio da Rocha Camargo, apenas uma promessa e uma esperança no seu desenvolvimento e em sua maturidade na organização de uma nova estaca. Esta promessa se concretizou com a organização da Estaca São Paulo Sul em 6-09-1970, incluindo o ABC e toda a baixada santista, sob a presidência do Presidente Saul Messias de Oliveira. Não tardou muito para que o desenvolvimento das unidades da baixada santista propiciasse a organização de uma nova estaca sob a liderança capaz e eficiente, do Presidente José Gonzales Lopes. Filho de espanhóis, sendo o único brasileiro da família, veio ao mundo aos 27 de fevereiro de 1921, na cidade de Santos. Fez o curso primário, secundário e formou-se perito contador, e exerceu o seu primeiro emprego nessa função, na Cia. CIT de Santos. Hoje, o presidente Gonzales exerce duas profissões: mantém um escritório de contabilidade onde presta assistência a diversas firmas em Santos, e advoga causas cíveis, comerciais e criminais. Estudou advocacia, depois de casado, o que representa muito esforço e boa vontade, características pessoais do presidente. Sua esposa, Jessie Gonzales Lopes, tem sido seu apoio constante ao lado das inúmeras posições de liderança que ela tem ocupado. Casaram-se em Santos no dia 26 de fevereiro de 1948 e deste casamento tiveram 5 filhas: Maria da Graça, Maria da Glória, Maria Gláucia, Maria Gleide e Maria de Guadalupe. O casal fala, também, com orgulho, de seus netos, residindo atualmente nos Estados Unidos. O seu selamento

foi feito no templo de Salt Lake City em abril de 1972, por ocasião da Conferência Anual da Igreja. O Presidente Gonzales, desde o seu batismo, tem ocupado diversas posições de liderança na Igreja, sendo inicialmente chamado para lecionar para os jovens na antiga classe de cavalheiros e ceifeiras e guarda, dessa época, imensa saudade e recordações extraordinárias. Foi membro do sumo conselho da Estaca São Paulo Sul, bispo da ala de Santos, durante dois anos, quando então foi chamado para ser o segundo conselheiro do Presidente Saul Messias de Oliveira, na Estaca São Paulo Sul. Foi tomado de viva emoção ao ser entrevistado e chamado para ser o Presidente da Estaca de Santos. Como presidente da estaca tem tido experiências maravilhosas, junto aos seus dois conselheiros, irmão Adriano Silva, e Donald Clark, atualmente de volta aos Estados Unidos. Falando sobre a influência da Igreja na sua vida e na de seus familiares ele relata:

"Depois que entramos para a Igreja, nossa famlia começou a ter interesse por outros assuntos. Nossas filhas cantam, lecionam e estudam. Minha esposa tem uma grande dedicação pela Sociedade de Socorro. Ela doa todo o seu tempo para o trabalho da Igreja, e assim sendo, a nossa vida começou a ter muito mais valor, e digo, com a minha experiência de 55 anos de vida, que comecei a ganhar uma motivação bem diferente e lamento não ter conhecido a Igreja há mais tempo. A Igreja é perfeita e traz disciplina em todos os seus enunciados e programas. É muito comum ouvirmos o testemunho de membros que se batizaram há 3 ou 4 meses, da gratidão que sentem por terem conhecido a Igreja, no instante em que os missionários lhes levaram a mensagem do Evangelho Restaurado, e pela mudança operada em suas vidas e na de suas famílias."

O Presidente Gonzales sempre foi um homem de grande atividade. A sua casa foi sede do clube de cinema de Santos, e cinema era uma das suas paixões. Ele foi um dos fundadores desse Clube, que é hoje de grande expressão na cidade de Santos. Foi tesoureiro da Sinfônica de Santos, e presidente de uma corporação musical, uma sociedade civil chamada "A Banda Musical Carlos Gomes", sendo um dos objetivos dessa sociedade, proporcionar escola gratuita de música, assistência e orientação profissional, e ele o faz há 14 anos. Como membro da colônia espanhola em Santos, dedicou-se também aos esportes, tomando parte ativa na presidência e corpo deliberativo do antigo Espanha Futebol Clube, hoje Jabaquara Atlético Clube, tornando-se presidente desse clube profissional durante 6 anos. Ao lado dessa imensa atividade, o Presidente Gonzales lecionou durante 11

Presidente Gonzales, com sua esposa, filhas, genro e netos.

anos no período noturno, e só deixou de lecionar para que tivesse mais tempo para se dedicar à Igreja. Agora ele mantém as suas noites ocupadas no atendimento de membros, suas reuniões, visitas às unidades de sua estaca, tendo, dessa forma mais tempo para participar ativamente de todas as atividades de sua estaca. Falando sobre o nosso templo assim se expressou o Presidente Gonzales:

"O templo tem um significado muito importante para nós santos dos últimos dias, e muito maior ainda para a nossa Pátria e para o nosso povo de um modo geral. No seio de nosso povo, sinto que há um trabalho de esclarecimento que precisa ser feito, a fim de que o templo possa preencher sua finalidade, e principalmente no que concerne à obra genealógica. Nós que já passamos por diversas vezes pelo templo, realizando ordenanças, sentimos o benefício que estas visitas ao templo têm proporcionado a nossas vidas, e as vidas de nossos antepassados. Nós temos procurado transmitir aos nossos membros esse testemunho, a fim de que eles saibam que o templo não é apenas um prédio decorativo, mas encerra alguma coisa por aqueles que precisam e esperam que assim façamos."

Sobre o levantamento de fundos para o templo, a estaca de Santos tem atingido a cota previamente estabelecida pelo Élder James E. Faust. De um modo geral todos os membros da Estaca têm atendido ao apelo da liderança e compreendido as grandes bênçãos que advêm da obediência, sacrifício e fidelidade aos mandamentos do Senhor. Todos têm colaborado, de uma forma ou outra, para que a cota estabelecida seja atendida em seu devido tempo.

Quanto ao total de jovens nos diversos campos missionários, a estaca de Santos tem contribuído com uma boa parcela, e ao tempo em que esta entrevista foi feita, a Estaca de Santos tinha 14 missionários no campo, e outros mais sendo preparados para saírem em missão. A Estaca de Santos conta com uma população de 2.723 membros em 9 unidades, assim constituídas: Alas de Santos, Ponta da Praia, Orquidário, Ala de São Vicente I e Ala de São Vicente II, ramos Guarujá, Itanhaém, Praia Grande e o ramo dependente do Boqueirão. O Presidente Gonzales termina a sua entrevista dizendo:

"Como presidente da estaca, tenho uma mensagem de amor a todos aqueles que somam comigo neste esforço de levar esta estaca avante aos seus gloriosos destinos. Eu exorto a todos que se mantenham firmes e fiéis ao Evangelho, e aproveitem as oportunidades que têm de se desenvolverem como Igreja e como liderança. Eu acredito no trabalho e no valor de cada um e dou o meu testemunho da dedicação destes homens e mulheres da Igreja e dos jovens que estão realmente adquirindo uma capacidade de trabalho e realização. Eu confio nesses jovens que agora estão regressando de suas missões e naqueles que em breve sairão, e que irão constituir um alicerce sólido, base de todo este crescimento. Sei que o Senhor nos revelou tantas coisas, como o templo que está sendo construido em São Paulo, e a unidade familiar. Eu quero ser o exemplo, deixar o meu testemunho e a minha mensagem de que nós levaremos o trabalho do Senhor na parte que nos foi confiada e para isso conto com a dedicação de todos."

ESTACA SÃO PAULO BRASIL, ENVIA CASAL DE MISSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

No último dia 15 de outubro seguiram para Portugal, como missionários de tempo integral, o irmão José Lombardi e sua esposa Antonieta S. Lombardi. O irmão Lombardi até então exercia o ofício de Patriarca da Estaca São Paulo. O irmão Lombardi e a irmã Antonieta contam com uma larga experiência como líderes na Igreja. O irmão Lombardi, serviu entre outros cargos, como Secretário de ramo, presidente de ramo, presidente de distrito, assistente do Pres. Bangerter, ao tempo de sua missão aqui no Brasil. Quando a estaca foi organizada, a primeira no Brasil, o irmão Lombardi foi chamado como Bispo da Ala 5, sendo posteriormente desobrigado e chamado para

ser o patriarca da estaca, até a época de seu chamado como missionário de tempo integral. O irmão Lombardi é natural de Embú, neste estado, e nasceu no dia 9 de julho de 1920, e é casado com a irmã Antonieta S. Lombardi há 34 anos. Possuem um casal de filhos, e oito netos. Casou-se também, no templo de Salt Lake City, no dia 19 de setembro de 1968. Este seu chamado era um desejo que alimentava desde que entrou para a Igreja e foi com emoção e alegria que o casal pôde ver o seu sonho tornar-se realidade. Eles irão juntar-se aos irmãos Osiris e Jacira Cabral, que já se encontram há alguns meses servindo na Missão Portugal Lisboa. No seu embarque, no aeroporto de Congonhas, líderes de sua estaca, familiares e amigos lá estavam para abraçá-los e desejar-lhes pleno sucesso nessa importante obra que é o trabalho missionário.

Conferência de Jovens do Sacerdócio Aarônico e Moças da Estaca Curitiba Brasil

Realizou-se nos dias 30/31 de julho e 1º de agosto do corrente ano, na bela cidade de Ponta Grossa, a conferência de jovens do Sacerdócio Aarônico e Moças, reunindo jovens da Estaca Curitiba e com a participação especial de jovens do Distrito de Londrina. Durante 3 maravilhosos dias estiveram reunidos nada mais nada menos do que 200 jovens e 30 líderes nas dependências gentilmente cedidas pelo Colégio Agrícola "Augusto Ribas" de Ponta Grossa. A conferência foi iniciada com um suculento jantar, na sexta-feira à tarde, seguido de um show de talentos com a participação dos jovens dançando e cantando o nosso folclore brasileiro. No sábado pela manhã, com alvorada as 5:30 horas realizou-se a Reunião do Seminário, com palestras e concurso de conhecimentos das Escrituras. Em seguida deu-se o hasteamento das bandeiras Brasileira, do Estado do Paraná, ao som do hino Nacional Brasileiro, e com a colaboração do grupo de escoteiros da Igreja. No mesmo sábado, realizaram-se olimpíadas, ginkanas para as moças e futebol de salão para os rapazes. Durante a noite o Presidente Milton José Nilsen, presidente da Estaca Curitiba, deixou uma excelente mensagem aos jovens. Como convidados especiais lá estiveram o Élder Osíris Grobel Cabral, Representante Regional dos Doze, e o irmão Harry Eduardo Klein, Coordenador dos Seminários e Institutos do Brasil. Estes dois nossos irmãos deixaram os seus testemunhos e conselhos maravilhosos à juventude da Estaca de Curitiba. Esta conferência foi encerrada com uma emocionante reunião de testemunho, ocasião em que 130 jovens se levantaram e ergueram suas vozes em sinal de gratidão e louvor por terem conhecido esta maravilhosa Igreja.

Inaugurada a Capela do Ramo de Goiânia

Os irmãos de Ramo de Goiânia estão muito gratos ao Pai Celestial pela inauguração da primeira fase de sua linda capela. Contando com a presença do Presidente João Eduardo Kemeny, naquela oportunidade, conselheiro do Presidente Hélio da Rocha Camargo, da Missão Brasil Rio de Janeiro, e hoje atual presidente da mais jovem estaca do Brasil, a Estaca Rio de Janeiro-Niterói Brasil, e com a presença de 220 pessoas, realizou-se a Conferência especial para inauguração da capela. Na reunião do Sacerdócio, realizada na manhã do domingo estavam presentes 71 portadores do Sacerdócio. Durante a Conferência, vários membros prestaram seus testemunhos, e entre eles o da garota Tânia Wosnjuk, irmã Leopoldina Maria Coelho Arantes, do Presidente Manuel Claveri Guido, conselheiro do Distrito de Brasília, do supervisor da construção, irmão Antônio Vasco dos Santos, do Presidente do Ramo, irmão Aziz Abib Tobias, seguido dos discursos do Presidente do Distrito de Brasília, irmão Angelo Bueno Perilo, e do Presidente João Eduardo Kemeny. Foi ressaltado, nessa oportunidade, o trabalho, dedicação e sacrifício dos membros de Goiânia, nas muitas horas de trabalho doado para a construção. No sábado que precedeu a conferência, houve intensa atividade esportiva na nova quadra, com a participação de diversos times de futebol de salão, voleibol e basquete, dos ramos de Anápolis, Brasília e do próprio ramo de Goiânia. A primeira reunião para tratar do início das obras deu-se em 28 de fevereiro deste ano e seis meses depois esta capela estava sendo inaugurada em 29 de agosto p. passado, o que bem demonstra a boa vontade, entusiasmo e a colaboração sem limites dos dedicados membros do Ramo de Goiânia. Certamente a liderança teve papel importante na motivação e organização durante as diversas fases da construção. Nós nos congratulamos com a liderança e os membros do ramo de Goiânia, e certamente o Senhor os abençoará pelo amor e dedicação na construção de sua Casa de Oração.

Vencedora do Concurso de Canções Anunciado Novo Concurso Mundial

A Sociedade de Socorro anunciou as vencedoras do concurso de canções de 1975-76 e abriu o concurso de 1976-77 à competição mundial.

Ao anunciar o concurso de 1976-77, a presidente da Sociedade de Socorro disse:

"Pela primeira vez o concurso anual de canções promovido pela Sociedade de Socorro está aberto às irmãs de todas as partes do mundo. Embora reconheçamos a dificuldade de comparar músicas originárias de diferentes culturas, o valor de termos uma representação internacional supera as dificuldades. Sempre que possível, as letras das músicas devem ser acompanhadas de uma tradução para o inglês e/ou de sinais fonéticos que indiquem a pronúncia da língua original, pois a maioria das cantoras da Sociedade de Socorro falam apenas o inglês. Este ano, os temas inspirados pelo Monumento de Nauvoo da Sociedade de Socorro, como "os círculos de influência da mulher", merecerão prioridade por parte dos juízes.

As regras do concurso encontram-se no novo Manual da Sociedade de Socorro (PERS0055PO).

E vi a cidade de Nazaré e nessa cidade vi uma virgem que era extremamente formosa e branca.

E aconteceu também que vi os céus abertos; e um anjo desceu e pondo-se em minha frente, disse: Néfi, que vês tu?

E eu respondi: uma virgem mais bela e formosa que todas as outras virgens.

E disse-me ele: a virgem que vês é a mãe do Filho de Deus, segundo a carne.

E aconteceu que eu a vi ser transportada no Espírito. E depois de ter sido ela transportada no Espírito, por um certo espaço de tempo, disse-me o anjo: olha!

Eu olhei e vi a Virgem novamente, carregando uma criança em seus braços.

E disse-me o anjo: eis aqui o cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai Eterno!

(1 Néfi 11:13-15, 18-21)